

CENTRO INTERPRETATIVO TAUROMÁQUICO

PROJETO

Introdução sobre os objetivos gerais do centro (apresentação)

Fundamentação cronológica

Estados de arte

Capítulo I- O Centro Interpretativo Tauromáquico de Monforte, o toiro de lide e o cavalo Lusitano no Concelho de Monforte

1. O que é o CIT e porquê em Monforte?
2. O toiro bravo
3. O cavalo
 - 3.1 A origem e a evolução do cavalo
 - 3.2 Raças e características dos cavalos de toureio
 - 3.3 O cavalo Lusitano

Capítulo II- Memória e história

1. Abordagem à história e evolução da tauromaquia ao longo dos tempos

Capítulo III- Tauromaquia: património imaterial de Monforte ao longo dos séculos

1. Abordagem histórica da tauromaquia no concelho de Monforte
2. Época Romana- Torre de Palma, um acaso e um princípio?
3. Idade Média
4. Casa de Bragança

Capítulo IV- Monforte Taurino: do passado ao futuro

1. Monforte Taurino na época contemporânea;
2. A primeira praça de touros da vila
3. Inauguração da Praça de Touros de Monforte
4. Reinauguração da praça de touros João Moura (Pai)

5. O homem como figura da tauromaquia na vila de Monforte-
Intervenientes do passado, do presente e do Futuro
6. Monfortenses na tauromaquia nacional
7. Maria Caetano Couceiro: A Dressage- de Monforte para o mundo
8. Raides: uma tradição

Capitulo V- O toiro e o cavalo

1. Ganadarias no concelho de Monforte
2. Coudelarias no Concelho de Monforte

Capitulo VI- O edifício e os seus espaços

1. Centro Interpretativo Tauromáquico de Monforte- a história do edifício
2. A constituição do centro (espaços) e especificar as funções de cada espaço, como será constituído?
3. Programa Museográfico/ Programa Museológico
 - Museu
 - Galeria de exposições
 - Mediateca/sala de conferências
 - Tertúlia

Capitulo VII- Centro Interpretativo Tauromáquico: que futuro?

1. Expectativa para o Centro?
2. Plano de atividades

Bibliografia

Anexos

Notas

CENTRO INTERPRETATIVO TAUROMÁQUICO DE MONFORTE

Breve Introdução:

O Centro Interpretativo Tauromáquico é uma estrutura do Município de Monforte, orientada para a dinamização, organização e valorização de atividades relacionadas com a tauromaquia enquanto entidade representativa da cultura local, regional e nacional.

Um dos grandes objetivos do Centro Interpretativo é divulgar a importância da Tauromaquia como uma mais-valia local e promotora de desenvolvimento social, económico, turístico e cultural. É fundamental que a comunidade seja parte integrante deste projeto e possa também usufruí-lo, na sua vertente lúdica e histórica. O Centro Interpretativo Tauromáquico surge num concelho em que a tauromaquia é uma realidade social e histórica.

Faz todo o sentido que esta arte seja considerada por aqueles que a vivem como um motor importante de divulgação cultural, turística e económica. Ao longo dos séculos enraizada numa tradição característica de determinadas regiões do nosso país. A escolha de Monforte para a criação deste Centro é tão-somente valorizar essas mesmas características e promove-las, dando-lhes a importância real daquilo que representam para uma comunidade local, distrital e nacional.

O nosso concelho vive diariamente relacionado com a arte da tauromaquia, de uma forma ou de outra, entre cavalos de toureio, cavalos de desporto ou cavalos para trabalho, este é um animal conhecido e reconhecido por estas paragens. Em relação ao touro apresenta-se a mesma situação, estamos todos habituados a ver os touros nos nossos campos diariamente e é para nós um animal sobejamente conhecido e importante para os campos e para o equilíbrio da fauna e da flora.

Monforte tem por isso muitos argumentos para albergar um centro interpretativo como meio de cultura e de projeção de tradições locais ao nível regional e nacional, para tal é importante que se perceba que a tauromaquia não pode nem dever estar apenas ligada às festividades, deve ser entendida como uma questão nossa e de identidade assim como uma questão económica, visto que uma larga percentagem das famílias que habitam no nosso concelho, tem um ou vários elementos que trabalha em alguma atividade relacionada com a festa brava. Numa região interior onde o desemprego tem uma taxa elevada é preciso que se dinamizem todos os elementos.

FUNDAMENTAÇÃO CRONOLOGICA
CENTRO INTERPRETATIVO TAUROMÁQUICO

PERIODO CRONOLOGICO	TESTEMUNHOS/ REPRESENTAÇÕES	FONTES	OBSERVAÇÕES
Época Romana	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Fauna ➤ Mosaico dos Cavalos ➤ Minotauro ➤ O Triunfo de Dionysos 	<p>-Heleno, M.; “A “Villa” Lusitano-romana de Torre de Palma”, <i>O Arqueólogo Português</i>; 2ª serie; IV;1962</p> <p>- Lancha, J.; André P; <i>Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal, II,1, A villa de Torre de Palma</i>; Instituto Português de Museus; Ministério da Cultura; Lisboa; 2000</p> <p>- <i>a cidade</i>; Revista Cultural de Portalegre; Lisboa; Edições Colibri,nº13-14M;1999-</p>	<p>Villa Romana de Torre de Palma</p> <p>Museu Nacional de Arqueologia</p>
Idade Média	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Documentais: As referências a gado vacum, a bois e vacas nas Herdades de Palma, Mari e ainda Reguengo de Santa Cruz e Reguengo do Sousão na área de Vaiamonte 	<p>-Documentação manuscrita Livro nº 1 da Comarca de Odiana, fl.127. 143.04.25 (1431)</p> <p>- Livro 8 de Odiana, fls3-4.1447.12.19</p>	<p>Os documentos originais encontram-se na Torre do Tombo</p>

<p>Idade Moderna</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Documentais: Nas denominadas arrematações, da Renda do Campo e Renda da Vila. Uma das obrigações referenciadas nestes documentos era entregar respetivamente dois touros mortos, num carro e um outro touro morto num carro. (carroças) ➤ A primeira referencia data de 1651, no entanto poderá ser anterior. O livro que existe sobre os anos 1638-1650 está em muito mau estado de conservação, impossibilitando a sua leitura 	<p>-Documentação manuscrita Livros de Registo de Arrematações</p>	<p>Os documentos originais encontram-se no Arquivo Histórico do Município de Monforte (AHCM)</p>
<p>Idade Contemporânea</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ As denominadas “Manadas Reais” que pastavam numa das áreas da Coutada do Povo. A 1ª data que dispomos atualmente refere-se a 1836¹ ➤ Primeira praça de toiros nos claustros do Convento do Bom Jesus ➤ Cláudio Moura um visionário da tauromaquia em Portugal 	<p>-Caderno de Registo da data das Courelas. Concelho de Monforte 1836</p>	<p>Os documentos originais encontram-se no Arquivo Histórico do Município de Monforte (AHCM)</p> <p>No território geográfico a área abrangida situa-se a NE da Vila de Monforte</p>

¹ Esta serie documental encontra-se em reorganização, uma vez que se encontrava avulsa, facto que poderá alterar a data da primeira referencia das Manadas Reais

	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Construção da primeira praça de Monforte ➤ Reinauguração da praça de touros de Monforte ➤ Os irmãos Moura (António Moura e João Moura) ➤ Engenheiro António José Zuzarte <p style="text-align: center;">CAVALEIROS</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ João Moura ➤ Paulo Caetano ➤ João Moura Caetano ➤ João Moura Júnior ➤ Miguel Moura <p style="text-align: center;">NOVILHEIROS</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ João Augusto Moura <p style="text-align: center;">BEZERRISTA</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ El Juanito- João Silva <p style="text-align: center;">BANDARILHEIROS</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ José Franco (Grenho) ➤ Ricardo Raimundo ➤ Hugo Silva ➤ Benito Moura <p style="text-align: center;">FORCADOS</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Grupo de Forcados Amadores de Monforte 	<p>- Zuzarte, António José; <i>Monforte “Vila Taurina”</i>; Camara Municipal de Monforte;2001</p>	
--	--	---	--

MOÇOS DE ESPADAS

- Carlos Barreto
- Sérgio Batista
- Fábio Derreado
- Vasco Maldonado
- Eduardo Serrano

CAMPINOS

- Manuel Brandão
- João Florindo
- Ilídio Paliotes
- Sérgio Paliotes
- João Henrique Paliotes

GANADARIAS

- Paulo Caetano
- Maria Guiomar Cortes Moura
- João Moura
- Torre de Onofre

COUDELARIAS

- Romão Tavares
- Paulo Caetano
- Maria Guiomar Cortes Moura

DRESSAGE

- Maria Caetano Couceiro

RAIDES

Capítulo I- O Centro Interpretativo Tauromáquico de Monforte, o toiro de lide e o cavalo Lusitano no Concelho de Monforte

1. O que é o CIT e porquê em Monforte?

O Centro Interpretativo Tauromáquico é uma estrutura do Município de Monforte, orientada para a dinamização, organização e valorização de atividades relacionadas com a tauromaquia enquanto entidade representativa da cultura local, regional e nacional.

Um dos grandes objetivos do Centro Interpretativo é divulgar a importância da Tauromaquia como uma mais-valia local e promotora de desenvolvimento social, económico, turístico e cultural. É fundamental que a comunidade seja parte integrante deste projeto e possa também usufruí-lo, na sua vertente lúdica e histórica. O Centro Interpretativo Tauromáquico surge num concelho em que a tauromaquia é uma realidade social e histórica.

A localização de Monforte é importante estando integrada numa região interior de grandes tradições culturais. É uma vila portuguesa no Distrito de Portalegre, região Alentejo e sub-região do Alto Alentejo, com cerca de 1 300 habitantes.

É sede de um município com 419,65 km² de área e 3 329 habitantes (2011), subdividido em 4 freguesias. O município é limitado a oeste e norte pelos municípios do Crato e de Portalegre, a leste por Arronches e por Elvas, a sudoeste por Borba e por Estremoz, a oeste por Fronteira e a noroeste por Alter do Chão.



Figura 1- Mapa do Concelho de Monforte

No concelho predominam as atividades ligadas ao sector primário, ou seja, a agricultura e a criação de gado, seguidas das do sector secundário, representada pelas indústrias de exploração do granito. O sector terciário não possui grande importância económica.

No que se refere à agricultura, destacam-se os cultivos de cereais para grão, os prados temporários e culturas forrageiras, as culturas industriais, o pousio, o olival, os prados e pastagens permanentes. A pecuária tem também muita importância, nomeadamente na criação de suínos, ovinos e bovinos.

A Comunidade Intermunicipal do Alto Alentejo (CIMAA), que representa os 15 concelhos do distrito de Portalegre, declarou em 2012 a tauromaquia como Património Cultural Imaterial da região. O documento aprovado pelo Conselho Executivo da CIMAA, além de declarar a tauromaquia como Património Cultural Imaterial do Alto Alentejo, repudiou qualquer decisão administrativa que colocasse em causa uma tão nobre e secular forma de expressão e identidade cultural.

Em França, as touradas foram consideradas como parte do Património Imaterial e Cultural francês. Madrid também declarou as touradas como Património Imaterial e Cultural. Em Portugal, 32 Municípios declararam a Tauromaquia como Património Imaterial e Cultural. Existe atualmente o projeto de elevar a Tauromaquia a Património da UNESCO da Humanidade.

A UNESCO entende por Património Imaterial "*o conjunto de formas da cultura tradicional e popular ou folclórica, quer dizer, as obras coletivas que emanam de uma cultura e se baseiam na tradição. Estas tradições transmitem-se oralmente ou mediante gestos e modificam-se com o decorrer do tempo através de um processo de recriação coletiva. Incluem-se nelas as tradições orais, os costumes, as línguas, a música, os bailes, os rituais, as festas, a medicina tradicional e farmacêutica as artes culinárias e todas as habilidades especiais relacionadas com os aspetos materiais da cultura, tais como as ferramentas e o habitat.*"²

Perante esta definição da UNESCO sobre o sentido do Património Imaterial, compreende-se que a tauromaquia seja considerada como uma tradição coletiva, como uma festa e como um ato cultural que movimenta pessoas e tem ao longo dos anos sofrido processos de transformação, sem nunca adulterar a sua origem.

Faz todo o sentido que esta arte seja considerada por aqueles que a vivem como um motor importante de divulgação cultural, turística e económica. Ao longo dos séculos enraizada numa tradição característica de determinadas regiões do nosso país. A escolha de Monforte para a criação deste Centro é tão-somente valorizar essas mesmas características e promove-las, dando-lhes a importância real daquilo que representam para uma comunidade local, distrital e nacional.

² 32ª Conferencia Geral da UNESCO, Paris, Outubro, 2003

Numa altura em que se colocam em causa tradições identificativas de determinadas sociedades, é necessário que as mesmas se desmistifiquem e que seja perceptível aos que ainda teimam em não as compreender, que será certamente difícil que essas mesmas tradições não se cumpram, porque fazem parte do ser humano enquanto ser individual e integrado na sua sociedade. Sem identificação social não há rumo que nos defina. É impensável não ser motivado pelas nossas raízes, são gestos, pensamentos e rituais transmitidos oralmente ao longo da história. A memória faz-se de todos esses gestos que nos identificam como pessoas do mundo, mas pertencentes culturalmente a um determinado lugar.

O Centro Interpretativo Tauromáquico surge em Monforte porque Monforte é uma vila taurina. Datam do ano de 1879, registos da existência da primeira praça de touros, que se situava nos claustros do Convento do Bom Jesus³ e que pertencia a José Maria da Silva Sardinha e a José António Lopes.

Nos dias de hoje Monforte é um concelho que alberga muitos, se não todos, os diversos elementos relacionados com a tauromaquia tais como: ganadarias, coudelarias, grupo de forcados, bandarilheiros, moços de espadas, toureiros, novilheiros e campinos.

A Dressage ao nível nacional e internacional está também representada no nosso concelho, já que é também na zona de Monforte (Herdade das Esquilas) que diariamente a campeã nacional deste desporto tem todos os seus cavalos e faz os seus treinos na preparação de campeonatos.

Posto isto, o nosso concelho vive diariamente relacionado com a arte da tauromaquia, de uma forma ou de outra, entre cavalos de toureio, cavalos de desporto ou cavalos para trabalho, este é um animal conhecido e reconhecido por estas paragens. Em relação ao touro apresenta-se a mesma situação, estamos todos habituados a ver os touros nos nossos campos diariamente e é para nós um animal sobejamente conhecido e importante para os campos e para o equilíbrio da fauna e da flora.

Monforte tem por isso muitos argumentos para albergar um centro interpretativo como meio de cultura e de projeção de tradições locais ao nível regional e nacional, para tal é importante que se perceba que a tauromaquia não pode nem dever estar apenas ligada às festividades, deve ser entendida como uma questão nossa e de identidade assim como uma questão

³ Zuzarte, António José; *Monforte "Vila Taurina"*; Camara Municipal de Monforte;2001

económica, visto que uma larga percentagem das famílias que habitam no nosso concelho, tem um ou vários elementos que trabalha em alguma atividade relacionada com a festa brava. Numa região interior onde o desemprego tem uma taxa elevada é preciso que se dinamizem todos os elementos.

2. O toiro bravo

O toiro peninsular vive na mansidão verde-azul das quietas lezírias e das planícies sem fim, respirando o ar fresco dos rios e da liberdade. Esta espécie particular do toiro selvagem é descendente do Auroque, descrito por Júlio César como sendo “..um pouco mais pequeno do que o elefante: ferozes e poderosos; atacam tanto o homem como os animais...”⁴

Este capítulo do livro V do “*Bello Gallico*” refere-se à campanha travada por aquele ditador romano, no Danúbio, contra os Suevos.

Seriam estes mesmos suevos que alguns tempos mais tarde invadiram a Península Ibérica e dela expulsariam as hostes romanas, na confluência de campanhas dos Visigodos e dos Vândalos. Seriam esses mesmos Suevos- da região *Auroque*- que viriam a fundir-se com o povo Lusitano, habituado a combater essa fera a cavalo. E dessa fusão nasceria, no decorrer dos séculos a TOURADA PORTUGUESA.

O Auroque (aur= selvagem + och= toiro) ou *Urus* está hoje extinto na sua forma primária. É o ascendente direto do toiro de lide peninsular.

Alguns zoólogos admitem a possibilidade de o Auroque ter emigrado, há milénios para a região da Mauritània, no Norte de Africa, quando o território, hoje marroquino entre Tanger e Ceuta estavam ligados ao território hispânico, ou seja antes dos continentes Europeu e Africano terem sido separados pela junção do oceano Atlântico e do Mar Mediterrâneo.

Segundo alguns escritos do século XVII o Auroque ainda sobrevivia na floresta de Jaktowa, na Polónia. Ainda em meados do mesmo século o imperador Carlos Magno teria caçado um animal semelhante, a que chamou *Bubalus*.

⁴ César, Julio, *Bello Gallico*; 6. Ed. rev. corr.; Ed. Henri Goelzer; Paris;1906

Teria sido também uma criatura semelhante àquela que São Jorge destruiu: um Auroque. Algumas imagens antigas deste santo representavam-no a cavalo, alanceando um toiro, mas no século XV, os artistas plásticos baseados na imaginação popular desse tempo, impregnada de figuras diabólicas, começaram a representar São Jorge-erradamente- trajado à maneira da época e matando um ser inexistente: um toiro-meio-dragão ou um dragão alado, símbolo do pecado. Ora logicamente São Jorge teria alanceado um toiro dessa espécie *Urus* que dizimava o povo de certa região e esse feito ganhou simbolismo da vitória do paladino de Cristo sobre o deus pagão- porque o toiro não foi adorado no Oriente e em África, mas também na Europa Meridional.

Torna-se interessante sublinhar que esse Santo- um dia *matador de toiro a cavalo*- é ainda hoje o Patrono da Cavalaria Portuguesa. A sua imagem equestre e o simbolismo nela implícita foram sempre invocados, quando as hostes de Portugal reconquistavam os territórios, que haviam já sido cristão, aos invasores infiéis; seria bradando o seu nome que, mais tarde, investiriam contra o inimigo, fosse qual fosse a sua religião. E de São Jorge chamaram ao castelo que em 1147, arrebataram aos dominadores muçulmanos e que, ainda hoje se mantém sobranceiro ao Tejo e à velha Capital da tauromaquia equestre.

O toiro é um animal secular que habita o nosso planeta deste o tempo dos antigos e que chega até aos dias de hoje, ainda como animal bravo e de linhagem nobre que continua a investir de forma instintiva e selvagem. O toiro bravo é fundamental para o nosso ecossistema.

É um animal bravo e nobre, por vezes agressivo, que durante cerca de quatro anos pasta nas lezírias e nas planícies onde tudo lhe é dado, nada lhe falta, para um dia, entrar numa praça de toiros, uma massa negra, frenética, capaz de tirar a vida numa arena, capaz de dar ao toureiro os seus mais belos momentos de glória.

É sem dúvida alguma, em redor desta autentica maravilha zootécnica que toda a festa dos toiros se movimenta, vale a pena ir a uma corrida, mesmo que o resultado artístico seja pobre, apenas para ver o toiro, animal fascinante, que só por si é um verdadeiro espetáculo. De olhar meigo, este majestoso generoso, digno, nobre, valente, e bravo, quiçá o mais belo de todos os animais, é o protagonista de uma festa de toiros, dele depende toda a corrida, todo o sucesso ou fracasso dos toureiros. Este animal de comportamento imprevisível e misterioso, resultado de uma seleção apurada, é criado com muito amor pelos ganadeiros, uma tarefa difícil mas plena de paixão e afición.

Em Portugal, somente se começou a pensar na seleção da bravura do toiro no último quartel do século XIX, quando em Espanha tal seleção se iniciara em meados do século XVIII.

Origem do Toiro de Lide - Castas Fundacionais/ Fundadoras

A origem do toiro de lide está vinculada à origem dos bovinos ibéricos, que por sua vez está ligada ao *Bos Primigenius*, o Uro. A origem do bovino na Península Ibérica está relacionada com processos de domesticação e com a introdução de bovinos europeus e Norte de África.

A entrada na Península Ibérica de populações de bovinos de diferentes regiões e com características distintas fez com que nos dias que correm a diversidade genética bovina ibérica seja muito variada. Também a diversidade de sistemas de produção relacionada com as diferentes condições climáticas e geografia das várias regiões ibéricas, podem ter influído de forma significativa sobre a diversidade genética dos bovinos ibéricos.

O interesse económico em criar animais para a lide, fez com que em Espanha se formassem as primeiras ganadarias especializadas na produção de bovinos para lide. Foram desenvolvidos modelos de seleção para ir ao encontro de uma maior agressividade e persistência combativa dos bovinos. Esta realidade desenvolveu-se em várias populações de bovinos espanhóis, dispersas pelo território de Espanha.

A Estas populações de bovinos que originaram a raça Brava de Lide, designa-se a terminologia de “Castas Fundacionales del Toro de Lidia” (Castas Fundacionais do Toiro de Lide). O termo *casta* compreende linha, família, ou animal de linha agressiva que demonstra persistência combativa. O segundo termo (fundacional), porque são as populações de bovinos que fundaram a raça Brava de Lide que conhecemos hoje.

Para a classificação das diferentes castas podem ser utilizados critérios geográficos de acordo com a sua origem e com os ganadeiros que formaram os efetivos. Sendo assim consideram-se as Castas de Navarra, Castelhanas e Andaluzas. O primeiro grupo compreende unicamente a Casta Navarra, o segundo a Morucha Castelhana, Jijona e Toros de la Tierra.

Atualmente a maioria das ganadarias deriva do terceiro grupo que é formado pela Casta Cabrera, Gallardo, Vasquenha e Vistahermosa. Esta ultima é a que predomina na maioria das ganadarias atuais, no entanto, o fundador da Casta Vasquenha Vicente José Vázquez foi um dos ganadeiros que mais

contribuiu para o desenvolvimento inicial da seleção do toiro de lide, através do modelo de tenta para avaliar a acometividade dos animais.

A especialização das ganadarias bravas e a aplicação dos métodos de seleção típicos do sistema de produção destas explorações ocorreu em Portugal no século XIX. Isto é, um a dois séculos mais tarde do que em Espanha. Pode-se dizer que é a partir do século XIX e fruto do cruzamento entre os bovinos agressivos utilizados nos festejos taurinos portugueses com animais de Casta Vasquenha introduzidas em Portugal pelo Rei D. Miguel I, que se formou a *Casta Portuguesa*.

3. O cavalo

Com as mais antigas fronteiras da Europa, Portugal foi desde a sua fundação, um país onde o cavalo gozou do maior prestígio e apreço. Além de que os lusitanos possuíram um equino cujas qualidades eram apreciadas por todos os grandes guerreiros e equitadores. Escreveram os primeiros tratados de Equitação da Europa, desfrutaram de um dos maiores e mais belos picadeiros reais do mundo, conservaram a mais antiga coudelaria nacional da Europa mantiveram uma Academia Equestre que, ainda hoje, continua a tradição da Picaria Real preservando a Arte Marialva.

3.1 Origem e evolução do cavalo

A terra começava a emergir das águas. Os grandes reptéis faziam legião. Apareciam os primeiros mamíferos.

Dando um grande salto no tempo, avançamos 120 milhões de anos. Na época eocénica, período da era terciária, antes do aparecimento do homem, surgiu um animal que nada tinha a ver com o especto do “*equus caballus*” atual. Tinha quatro dedos nos anteriores, três dedos nos posteriores e a altura era de cerca de 30 a 40 centímetros. A ciência chamou-lhe “*eohipuus*”. Era o antepassado do cavalo com 58 milhões de anos. Alimentava-se de folhas e vivia nas florestas pantanosas e tórridas da época. O seu nome técnico era “*hyracotherium*”, derivado do nome grego “*hyrax*” que designa a marmota das rochas. e “*thaer*” que significa mamífero.

Os primeiros vestígios do “*eohipuus*” foram encontrados em 1840, perto de Londres. Outros foram descobertos em 1870, na América do Norte.

Com as transformações climatéricas, aquele animal foi evoluindo, adaptando-se ao abaixamento das temperaturas e à transformação dos pântanos em estepes. Ao longo de milhões de anos, à medida que o solo endureceu os dedos laterais começaram a atrofiar-se e o dedo central aumentou progressivamente.

O “*eohippus*” fez migrações extraordinárias. Encontram-se vestígios da sua passagem nos continentes europeus, asiático e americano. A sua evolução teve variantes e regressões devidas às mudanças climatéricas e alterações botânicas.

Na era quaternária deu-se o encontro decisivo, o cavalo descobriu o homem, para este os equídeos começaram por representar um alimento de grande qualidade. Para o manter o humano viu-se na necessidade de preservar as manadas selvagens, de forma a poder alimentar-se com facilidade. A tal ponto que aprendeu a desfocá-las. Foi a partir deste primeiro contacto que o homem se apercebeu que o cavalo podia ser domesticado e utilizado.

O ensino do cavalo montado teve muito provavelmente a sua origem na Península Ibérica, no neolítico inicial, graças ao corcel ibérico que “*nascia ensinado*” e graças ao talento dos cavaleiros.

Estes, por necessidade de o utilizarem na caça e na guerra, souberam aproveitar e desenvolver as qualidades de mobilidade dos corcéis montados “à gineta”, criando uma maneira de combater muito peculiar.

Lançados a galope largo, atacavam de forma dispersa as formaturas inimigas. Paravam bruscamente antes de estar ao alcance do adversário, atiravam as alabardas, os dardos ou as lanças, davam meia volta e fugiam.

Na Península Ibérica, a furta, o galeio, a pirueta, a arrancada e a paragem brusca eram constantemente praticadas, o que exigia o ensino das montadas. Foi esta a primeira forma de equitação em que o cavalo fez muito mais do que servir simplesmente de transporte.

Romanos, cartagineses, turcos e mouros, depois de surpreendidos, imitaram a forma de lutar dos iberos. Os cavalos da Península Ibérica tornaram-se ídolos de quantos os conheceram. Como eram pouco numerosos vários países foram obrigados a aproveitar as raças nativas. Foi o caso dos italianos na época do Renascimento que tentaram mobilizar os pesados e pouco flexíveis cavalos napolitanos. Encontrando dificuldades, começaram a inventar métodos que facilitassem o ensino daqueles animais pouco adaptados

à mobilidade pretendida. Surgiram então as primeiras academias equestres, que procuraram dar aos seus animais os movimentos e a agilidade do ginete ibérico: a calma e a finura, os andamentos altos, a arrancada repentina, a paragem instantânea, as deslocações laterais, o voltar rápido. Foi o nascimento da Arte Equestre e com ela o despontar do atual toureio a cavalo.

O toureio equestre praticado em Portugal só atingiu o seu alto nível graças aos ensinamentos dos grandes mestres da Arte Equestre, e a qualidade dos cavalos que estão na origem do “resembler” e portanto da verdadeira equitação.

3.2 Raças e características dos cavalos de toureio

O Cavalo Lusitano é um dos que mais aparece nos redondéis. O Luso-árabe é também um dos mais apreciados, vindo de uma raça verdadeiramente portuguesa com livro genealógico.

Também se vê tourear com frequência o Anglo-luso e o Anglo-árabe, mesmo o puro-sangue tem vindo a ser utilizado nas arenas.

O mestre João Branco Núncio afirmava que “ *De todas saem cavalos som aptidões, o que é necessário é que sejam bons, não creio que seja a raça o principal fator*”.⁵

⁵ Barradas, José Tello; Meio Século de Toureio e Glória. Edição da Tertúlia Tauromáquica Alentejana; Évora; 1964

Capítulo II- Memória e história

1. Abordagem à história e evolução da tauromaquia ao longo dos séculos

A história da tauromaquia ou da corrida de touros remonta a tempos imemoráveis. O homem primitivo não compreendia a razão para que houvesse doze horas de luz e doze horas de obscuridade. Temia sempre que as trevas da noite não permitisse o renascer do dia. Talvez, por essa razão, os antigos persas começaram a adorar a Mithra, deus da luz. Segundo a tradição, Mithra matou o touro divino, cuja morte era necessária para a renovação do mundo.

Do corpo da besta brotaram todas as plantas e animais dos quais dependem o homem. Com o passar dos anos, a cor branca, a luz, chegou a representar o bem e o bom, e o negro, a obscuridade, o mau e o mal, conceitos convencionais que, até aos dias de hoje, são com frequência utilizados em relação ao conflito e à eterna luta entre as forças do bem e do mal.

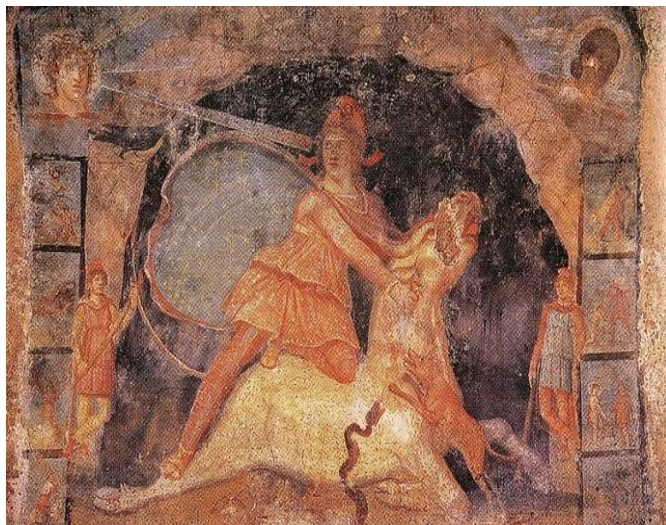


Figura 2 - *Mithra e o touro*, fresco encontrado na cidade de Marino

É pertinente verificar, que a moderna festa dos toiros começa às cinco ou seis da tarde, quando metade da praça está ao sol e a outra metade à sombra. Além disso, o toureiro leva vestido o chamado traje de luzes, que poderá simbolizar o bom, enquanto o toiro, geralmente negro, simboliza o mau. Para a visão cristã o homem tem, dentro de si, um anjo e uma besta, um cavaleiro e um cavalo, um toureiro e um toiro. Um homem vence-se a si mesmo quando o homem anjo vence o homem besta.

No Egito o touro e a vaca simbolizavam a fecundidade e a fertilidade da população rural. Em Creta, onde nasceu o mito do Minotauro, um monstro com corpo de homem e cabeça de toiro, os jovens nobres tinham o costume de provar a sua destreza, valor e audácia enfrentando toiros. Desde há muitos anos que o homem tem forte adoração pelo toiro. Veja-se a gruta de Altamira, perto de Santander, onde desenhos de antepassados do atual touro de lide, e pelas provas efetuadas ao carbono, indicam que aqueles desenhos terão cerca de catorze mil anos. Também na gruta de Lascaux, no sul de França, encontramos representações do antigo *Auroch* ou *Uro*, outro possível antecedente do moderno toiro de lide.

Na primitiva Ibéria, perto da cidade de Ávila, podemos admirar os famosos toiros de Guisando. São esculturas em granito de tamanho natural. Estão colocadas em fila e que se crê terem um poder mágico para a proteção da espécie. O famoso vaso de Líria, de origem ibera, representa na sua pintura, um jogo com toiros. De possível origem grega é chamada a Bicha de Balazote com corpo de touro e cabeça humana. Outra vez o touro está representado como símbolo do da invencibilidade e do poder. Esta crença é evidente no ritual dos chamados taurobolios.

Este ritual era efetuado sobre um mithreo, que era uma casa onde, dentro, um homem recebia, a unção de sangue quente de um toiro sacrificado. O homem recebia, através de um funil colocado no orifício, por onde tinha passado e descido, as gotas de sangue pelo nariz, pelas orelhas e pelos lábios, humedecendo a língua e manchando as vestes com o negro sangue do animal. Este homem banhado com o sangue do touro, dizia-se, nascia para uma nova vida. Diz-se que algumas das primitivas praças de touros tenham sido construídas sobre mithreos antigos.

Os historiadores assinalam que a morte ritual do touro era também ocasião de alegria, regozijo e diversão. Havia corridas de touros para celebrar os casamentos, devido a que o touro tinha fama de dar fertilidade ao casal. Antes de se usar a muleta de cor vermelha, empregava-se um lençol branco, provavelmente o do leito nupcial. É possível que isto tivesse o propósito de

transmitir ao casal o poder e a fertilidade do toiro no preciso momento da morte do animal.

Com a chegada dos romanos à Ibéria, dois séculos a.C., cresceu o culto ao touro e ao deus Mithra. Sabe-se que Júlio César era aficionado aos touros. Durante os seiscentos anos de dominação romana, os romanos construíram muitos anfiteatros, onde tinham lugar combates de gladiadores com animais, incluindo touros bravos. O anfiteatro de Itálica, perto de Sevilha, é um dos mais famosos.

Logo após, durante a ocupação árabe na Península Ibérica, de 711 a 1492, os mouros, talvez influenciados pelos cristãos, fizeram-se aficionados aos touros. Gostavam particularmente das lutas de cães contra touros. Mas a evolução dos jogos contra touros, ou corridas de touros, é um pouco complexa. No entanto podemos mencionar algumas fases. A primeira é a de caçadores de touros. A bem conhecida Estela de Clúnia, um monólito, mostra um caçador ibero frente a um toiro. A inscrição numa língua pré-histórica é *NI OIARNARI*, que se traduz como o Caçador de Monte.

Há quem diga que Rodrigo Diaz de Vivar, o Cid Campeador, caçava touros no século XI. Esta prática durou até ao século XVII, quando o Rei Felipe II começou a praticar nas suas quintas a caça ao touro com arcabuz.

É no final do século onze que se dá notícia da “profissão” de “matador”.



Figura 3 – Afonso X, o Sábio (1221-1284)

O Rei D. Afonso, o Sábio, condena os que recebessem preço por lidar com alguma besta. Em alguns locais esses primeiros profissionais chamavam-se de “matatoiros”. Estes matavam touros com flechas, lanças, facas e ganchos. Esse espetáculo poderá ter sido a primeira manifestação conhecida das

corridas de touros e dito popular.

Devido às restrições e às severas leis ditadas pelo Rei contra os “matatoiros”, a luta taurina passaram a ser dos gentis-homens, cavaleiros nobres. O Rei D. Afonso aprovava a luta com o toiro a quem quisesse demonstrar seu valor. Os cavaleiros por isso

tinham de ferir o toiro a cavalo e não a pé. Durante esta época a atividade taurina era um desporto reservado ao Rei e aos nobres. Este costume durou

até ao século dezoito, quando a decadência da nobreza fez menos populares estes espetáculos.

De novo apareceram os “matatoiros”, provenientes de classes mais baixas, necessitados de alguns bens para poderem sobreviver e fazendo estes jogos de vida ou de morte, profissionalmente. E é nesta altura que se dá a transição para o profissionalismo e o aparecimento das regras do toureio fundamental.

É importante ainda o aparecimento do touro na Península Ibérica. Durante as épocas glaciares e anti glaciares, ao sabor das mudanças de clima na Terra, acabaram por se encontrarem na Península dois grupos de bovinos.

Um, proveniente do Norte, da Europa asiática, denominado *Bojani*, o outro proveniente do Sul, de África, o *Hahni*. O primeiro, o *Bojani*, terá sido o antecessor dos atuais bovinos das estepes húngaras, da marena italiana e dos barroões portugueses. O *Hahni* terá sido aquele que veio dar lugar aos bovinos andaluzes, alentejanos e aos das terras altas da Escócia. No nosso país, a junção ou o cruzamento destas duas raças, a *Bojani* e a *Hahni*, resulta num animal arisco, nervoso e agressivo.

Em Portugal, a zona de contacto destes dois grupos de bovinos é o vale do Tejo, ou o Ribatejo. Em Espanha o touro de lide aparece nos vales dos grandes rios mas, em maior numero, junto ao Guadalquivir, ou Andaluzia, e junto ao Tormes na região de Salamanca.

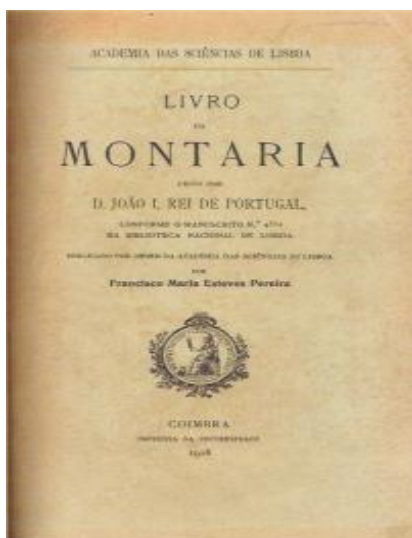


Figura 4- Livro da Montaria - D. João I, Rei de Portugal

Ainda nos dias de hoje são frequentes as transumâncias nestas regiões, hábito adquirido dos tempos do Neolítico, de onde poderão ter decorrido as possíveis misturas de animais provenientes destes dois grandes grupos bovinos. Julga-se, pois, que a origem do gado bravo esteja intimamente ligada ao cruzamento ancestral entre animais do grupo *Bonjai* com o do *Hahni*, que as migrações devidas às glaciações fizeram com que se encontrassem sobre o solo da Península Ibérica e que as migrações internas, devidas às transumâncias,

continuou a manter e a renovar até aos dias em que o homem tomou sobre si a seleção das características desejáveis para o toureio moderno.

O touro deixou de ser um animal bravo para se tornar um animal bravo. Sendo que o homem foi modelando e eliminando alguns defeitos menos úteis e, simultaneamente, ampliando as qualidades natas de agressividade.

Diz-nos a história, que o início do contacto do homem com o toiro em moldes quase modernos terá sido a montaria. A caça ao veado, ao urso, ao javali e ao toiro eram frequentes e usuais como é referido no *Livro da Montaria de D. João I*.⁶

Também El-Rei D. Duarte, no seu livro *Ensinança de Bem Cavalgar Toda a Sela*,⁷ deixa transparecer os cuidados a ter aquando dos ataques dos ursos e dos touros, uma vez acossados e cansados, para não deixar colher o cavalo do Monteiro.

Foi então que o homem buscou os primeiros ensinamentos do comportamento do touro acossado e aprendeu a maneira e a forma de o burlar, de o enganar, isto é, de o tourear, pondo-o a jeito para melhor o abater. No entanto, é-nos permitido recuar no tempo, para entendermos que, muito antes de Portugal surgir como nação, o historiador romano de nome Estrabão, nascido em 58 a.C., referia-se à Lusitânia dizendo: "...os povos do litoral (da Península) costumam combater a cavalo os toiros que, na Hispânia, têm fúria."

Também os muçulmanos eram aficionados dos touros. Alguns historiadores maometanos fazem referência a corridas em campo aberto ou em arenas fechadas para matarem os toiros, varando-os de lado a lado com lanças e a cavalo. Será interessante sublinhar que unicamente os muçulmanos invasores da Península, onde permaneceram oito séculos, se afeiçoaram à lide do toiro.



Figura 5- Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda a Sela-El-Rey Dom Eduarte

⁶ *Livro da montaria / feito por D. João I, Rei de Portugal*; publicado por ordem da Academia das Ciências de Lisboa; Francisco Maria Esteves Pereira; Imprensa da Universidade; Coimbra; 1918

⁷ *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda a Sela Que Fez El-Rey Dom Eduarte* (1.^a ed. em 1842 organizada por J. I. Roquete; 2.^a ed. em 1843; 3.^a ed. em 1854; 4.^a ed. ed. crítica organizada por J. M. Piel, 1944; reedição fac-similada em 1986 pela IN-CM).

Este costume não extravasou para mais nenhum país, território ou civilização muçulmana.

Em Portugal, devido às lutas com os sarracenos, pouco tempo poderia restar para se correrem os touros, porém, há escritos que D. Sancho I costumava alancear touros em campo aberto e D. Sancho II, seu neto, terá toureado em 1258.

Quando do casamento de D. Leonor, filha de D. Duarte, com Frederico III da Alemanha, em 1451, realizou-se uma faustosa tourada em Lisboa, numa praça improvisada, junto ao Terreiro do Paço. O próprio Rei D. Sebastião, que terá começado muito jovem a tourear em Sintra e em Lisboa, mandou construir uma praça de touros em Xabregas, tendo toureado, também, num redondel em Almada. O desditoso monarca toureou pela última vez em Algeciras, em festas organizadas por Filipe II, em sua honra.

Também D. António, Prior do Crato, apreciava lidar touros tanto no campo como na praça.

Durante o período da ocupação espanhola são muito mais frequentes as corridas-espetáculo de tipo faustosas, muito do agrado de Filipe II de Espanha, I de Portugal. Nesses tempos, destaca-se como cavaleiro português D. Duarte de Bragança, tio do futuro D. João IV, na célebre corrida realizada em Madrid para comemorar o casamento de Carlos Stuart, então príncipe de Gales, com a infanta D. Maria.

Mas é depois no fim da dinastia de Habsburgo e com a subida ao trono espanhol de Filipe V, primeiro rei da dinastia dos Bourbons, que vão dar-se os acontecimentos que estão na origem do nascimento da Arte portuguesa de lidar touros a cavalo.

Note-se que ao longo de séculos a concretização da corrida Feudal-Castista praticada sempre pelos nobres, imprimia um sentido muito próprio à corrida de touros. O Fidalgo não podia ser apenas um “cavaleiro”, era essencial que fosse um “cavalheiro” na verdadeira acessão da palavra.

Aos guerreiros chapeados de ferro que destruíam o touro com brutos montantes sucederam gerações de artistas cujo trabalho já utilizava certa agilidade da montada e feria ou matava os touros com a lança e depois com o mais elegante rojão ou mesmo com a nobre espada.

Acontece que nem estas subtilezas aplacavam a aversão de Filipe V a esse espetáculo imundo e bárbaro, repelente sem dúvida para quem pretendia

ascender à sofisticada corte francesa. Filipe V proíbe o toureio em Espanha, proibição esta que termina no país essencialmente com o toureio a cavalo. Quanto ao jogo popular do touro, esse continuou longe da corte e da lei. Aí nasce a fundamental diferença entre a evolução histórica do toureio espanhol, necessariamente continuado pelo homem a pé, e o toureio português, cuja prática prossegue e evolui num módulo Feudal-Castístico e de tal forma e de tal forma que irá adquirir personalidade própria e as características que o tornam impar.

Mas por terras lusas o panorama era diferente, Filipe II, para se tornar popular, organizou em 1619, uma corrida de gala por três dias consecutivos. Foram mortos, nesses dias, vinte toiros.

Quando Portugal retoma a independência, em 1640, não tarda que as touradas reais voltem a Lisboa com toda a pompa e gala próprias da época. Eram então espetáculos longos, onde se corriam vinte a trinta touros, precedidos de luxuosos cortejos de ofícios, cantos e bailes, finalizando com o desfile dos artistas acompanhados de pajens.

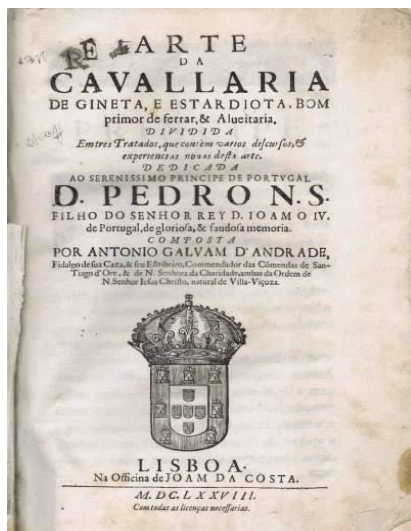


Figura 6- Livro do Mestre António Galvão de Andrade

Depois da Restauração, em 1647, realizaram-se brilhantes corridas na praça de toiros do Rossio. D. João IV, bom aficionado e excelente cavaleiro, enquanto duque de Bragança, mantinha em Vila Viçosa, uma notável academia equestre.

António Galvão de Andrade foi Estribeiro-Mor e Mestre de picadeiro dos príncipes D. Teodósio, D. Afonso e D. Pedro, filhos de D. João IV, e incutiu-lhes a afición ao toureio. D. Afonso VI toureou nas praças de Sintra, Almada e na do Rossio, em Lisboa. Certo dia, organizou uma tourada com o Conde de Castelo Melhor no pátio do convento de Odivelas.

O Mestre António Galvão de Andrade foi também o autor de um tratado de Equitação que estudou aprofundadamente a questão do toureio a cavalo o célebre “*Arte da Cavallaria de Gineta e Estardiota, Bom Primor de Ferrar e Alveitaria*”.⁸ Segundo o Mestre Galvão de Andrade, neste mesmo tratado, o

⁸ “*Arte da Cavallaria de Gineta e Estardiota, Bom Primor de Ferrar e Alveitaria*”; Na Officina de Joam da Costa; 1677

primeiro princípio e o mais importante da Arte Tauromáquica Portuguesa é *“entrar ao toiro de caras e devagar”*. Foi a partir desta altura que o toureiro clássico e começou a ser interpretado e considerado como uma arte associada à nossa cultura. Há as mais variadas referências ao comportamento do cavaleiro na forma como deve comportar-se na arena com o cavalo e com o próprio público. Ainda segundo Galvão de Andrade o toureiro na arena deveria estar sempre do lado oposto de onde o ovacionavam, para não *“...presumirem que se chega (ao publico) para lhos continuarem...”*

D. Pedro II, irmão de D. Afonso, toureou a cavalo e pegou toiros à unha. Mandou construir uma nova praça de toiros no Terreiro do Paço, onde se realizou uma corrida por ocasião do seu segundo casamento. Foi D. Pedro que ordenou o corte dos pitons nos toiros, uso que não perdurou, até que cinquenta anos mais tarde foi definitivamente instituído.

É com D. João V que aparecem os arreios de cortesias bordados a prata e ouro com pedras preciosas. Mandou edificar praças de toiros em muitas cidades do reino, especialmente nas províncias da Beira, Estremadura, Alentejo, douro, Minho e Trás-os-Montes.

D. José I foi um grande entusiasta da Tourada, embora o Marquês de Pombal fosse avesso a esse espetáculo. D. Maria I afastaria o Marquês, que foi desterrado para Pombal, e, quando este morreu o povo deu largas à sua alegria organizando corridas em praças improvisadas na Estrela e no Campo de Santana. Como curiosidade, podemos referir que até as freiras do Mosteiro de Sacavém organizaram um festival taurino.

É também no tempo de D. José I que surge outra figura da maior importância no progresso estético da tourada, falamos do Marquês de Marialva, equitador de exceção, que transporta cada vez mais para o redondel os preceitos da Alta Escola. Talvez o mais curioso seja que o renome do Marquês não provém nem dos seus primores de mestre de equitação nem da sua contribuição para o aperfeiçoamento e embelezamento das touradas. O conto de Rebello da Silva “A última corrida de

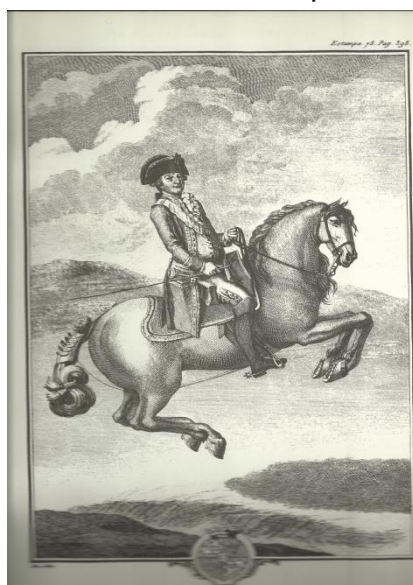


Figura 7- Marquês de Marialva

touros em Salvaterra”⁹ é que o vem celebrar ao torná-lo protagonista de um drama romântico sem rigor histórico e onde muito provavelmente o Marques nem terá participado.

Com a D. Maria I observa-se uma nova evolução dos festejos taurinos. A Real Senhora ao que parece não gostava muito de touradas e desagradavam-lhe sobretudo as inúmeras barbaridades sem o menor tauromáquico que brutalizavam o espetáculo.

Assim é na sua época que começam a desaparecer detestáveis “divertimentos” como por exemplo, o hábito de lançar os animais às matilhas de cães. Ao mesmo tempo as autoridades principiavam a intervir na organização dos espetáculos, pois era necessário disciplinar os gostos do público e terminar com os atos de barbarismo.

A retirada de D. João VI para o Brasil, em 1807, e as Invasões Francesas, não permitiram a continuação destas ou de outras festas. O toureio, com o toiro corrido, passou a mero jogo de escondidas.



Figura 8- Lisboa- embarque para o Brasil em 27 de Novembro de 1807

D. João VI não era de forma alguma um adepto de touradas e pode dizer-se que toda a evolução artística e cultural

Nos séculos passados as festas dos touros realizavam-se com um especto estrutural ainda herdado dos torneios medievais. Como já foi referido eram acompanhados

de outras atividades, como simulacros de caçadas, lutas de animais, danças e fantasias, que por vezes ocupavam uma grande parte do espetáculo. Foi apenas no final do século XVIII e durante o século XIX, que progressivamente, os jogos de touros começaram a constituir um todo.

⁹ Rebelo da Silva (1822-1871); in “Última Corrida de Touros em Salvaterra” Alma Pátria; Pátria Alma; 3.º Ano; pp. 158 a 163

Foi nesta época que se abandonaram as atuações de quatro ou mais cavaleiros em simultâneo, na arena quando decorriam essas lides, os cavaleiros a grande parte das vezes iam para o toiro apenas com o intuito de o matar rapidamente. Eram lides desordenadas e sem qualquer teor artístico.

Assim as festas de touros começaram a evoluir, refletindo cada vez mais a personalidade civilizada, pouco violenta e nada sanguinária dos lusitanos. Como fundamentação desta evolução social, faz-se referência à abolição da pena de morte em 1867, aliás Portugal foi pioneiro nesta matéria.

Nos primeiros anos do século XIX as corridas de touros continuaram a realizar-se, embora com menos frequência, devido às invasões francesas. Os nobres toureavam menos.

Em 1816 faleceu D. Maria e o seu filho sobe ao trono, Portugal conseguiu defender-se contra as três invasões francesas, não se deixando conquistar. Entretanto foram realizadas e submetidas às Cortes várias tentativas de legislação proibindo as festas de touros, um ilustre de nome Borges Carneiro apresentou na época um projeto de lei que extinguiu totalmente as corridas, mas foi rejeitado pela maioria.

D. João VI nunca se mostrou grande admirador de corridas, ao contrário do seu filho D. Miguel, que sempre demonstrou grande apreço e admiração pela tauromaquia, dando impulso ao espetáculo.

D. Miguel de Bragança foi considerado o “Rei Toureiro”, um dos grandes momentos lúdicos de D. Miguel era montar a cavalo no meio do gado bravo, vestido a rigor com trajes de campo, acompanhado por fidalgos e campinos. Eram populares e muito assistidas as suas esperas de touros, num cortejo digno de ser visto onde a fidalguia se engalanava a rigor numa afirmação socialmente importante para os nobres.

D. Miguel era de fato um verdadeiro aficionado e com ele as touradas voltaram a ter grande destaque ao nível nacional, foi como que tivesse sido restaurada a paixão pelos touros, aliás sabe-se que sempre que entrava na arena era ovacionado de forma efusiva.

Ao regressar a Portugal D. Miguel restaura o hábito das touradas e em redor da sua figura aglomera-se o povo, ávido como ele de retomar as velhas tradições. Por via deste e de outros caminhos, D. Miguel torna-se o rei mais popular da nossa história, talvez porque todos reconheciam nele a síntese das virtudes e dos defeitos que definiam o Português da época.

Digamos que por esta época se estabeleceu e firmou a nobreza de processos em relação ao combate, o traje cavaleiresco do século XVIII, os forcados, as cortesias, as regras da lide equestre, o aperfeiçoamento da doma de cavalos e sobretudo o início do aperfeiçoamento das novas “sortes”. Entenda-se por “sortes uma manobra específica que leva o cavaleiro a deixar o ferro no touro em conformidade com as regras clássicas do nosso toureio.

Essencialmente elas diferenciam-se através das maneiras diversas de “entrar” ao touro ou seja, de lhe ganhar terreno e provocar a investida com saída conveniente do lance. Mas quais são efetivamente estas regras?

Como já foi referido a necessidade de avanço vagaroso para o touro e mesmo da airosa “saída” que nunca deverá ser precipitada. O ferro, isto é, a farpa deverá ser colocado ao estribo, o que significa que nesse momento o cavaleiro não pode ser avançado nem recuado, mas sim encontrar o touro na parte média do cavalo, oferecendo assim ao oponente a máxima vantagem.¹⁰ Por outro lado, sendo esta a posição do encontro, o ferro pode ser colocado de cima para baixo na vertical, sem qualquer inclinação inestética.

Com o fim do absolutismo tenta-se entrar de novo na repressão das touradas,

D. Maria II chega mesmo a assinar um decreto que proíbe as em 1836. Escassos meses depois e face à reação dos nobres e plebeus unidos, o decreto foi revogado e a festa começa a orientar-se com novos rumos.

A organização comercial dos espetáculos, a proliferação de cavaleiros profissionais, o despertar do espírito de competição entre os artistas, a supressão dos números dos “intervaleiros” e finalmente o desaparecimento total do touro em pontas, vão determinar uma maior evolução estética da festa portuguesa. Para evitar cair numa provável monotonia, o toureio torna-se mais variado e exige um domínio das montadas cada vez mais perfeito. Surgem os primeiros cavalos “vedetas”. E, principalmente, começam a revelar-se toureiros excepcionais.

Por ordem cronológica é imperioso citar o Conde de Vimioso, o Marquês de Castelo Melhor e, finalmente, já na transição para o século XX, Victorino fróis que viria a ser mais tarde o mestre de João Branco Núncio.

¹⁰ Teixeira, Fernando; “*Touros em Portugal, um património histórico, artístico e cultural*”; Correios de Portugal; 1992; p.59

Com o advento das ideias republicanas, a tourada, porque conotada com os hábitos da fidalguia, depende cada vez mais de empresas comerciais. Não tarda que, na ansia de maiores lucros, apareça e, praça o touro já corrido, fraude evidente que não permite “sortes” particularmente brilhantes, mas antes determina uma evidente profusão de “ferros à garupa” totalmente contrários ao chamado “ferro ao estribo”, regra fundamental da nossa lide equestre.

Anos mais tarde, será um novo génio do toureio, Mestre João Branco Núncio, que eleva a tourada a um nível outra vez bem mais alto. Com efeito, ele exige com a máxima autoridade o fim do touro corrido.

E com o mestre João Núncio surgiram depois muitos outros nomes como Simão da Veiga, António Luís Lopes, José Casimiro, Rosa Rodrigues, D. Francisco de Mascarenhas e o Dr. Fernando Salgueiro. Forma-se assim a primeira época de ouro do toureio a cavalo que decorre por volta dos anos 40 e 50.

A par de notáveis cavaleiros de recorte perfeitamente clássico surge o toureio bem emocionante de José Mestre Baptista, com as suas entradas tão espetaculares como pouco ortodoxas ao *pitón* esquerdo do touro. É uma inovação discutível, mas bem triunfante.

No entanto a existência de várias interpretações da arte de lidar touros a cavalo, as sensacionais exposições de muitos e celebres cavalos-vedetas e até as modificações que se observam no próprio touro, no sentido de uma maior “suavidade”, provocam o aparecimento de uma nova “época de ouro” relativa gora e principalmente à década de 60. Com nomes como José Manuel Lupi, D. José João Zoio e Pedro Louceiro.

Mais recentemente, por exemplo com João Moura começam a surgir na corrida à portuguesa elementos que são muito mais característicos da forma espanhola de se lidar touros a cavalo. No país vizinho há que matar o touro a rojão, o que provoca a necessidade de conduzir a lide no sentido da diminuição e cansaço do inimigo- um espírito bem diferente, até oposto ao que impera na nossa tourada.

É facto que essas espetaculares manobras (o toureio em redondo e os *quiebros*¹¹) encontraram enorme ressonância no gosto popular e muitos não

¹¹ Palavra utilizada na língua espanhola. Significa: *Movimiento que se hace al doblar el cuerpo hacia un lado por la cintura, como el que se hace en los lances taurino*; Diccionario Manual de la Lengua Española; Larousse Editorial;2007

hesitam em referir uma terceira época de ouro. No entanto reconhecesse a existência de extraordinários artistas, como João Moura, Ribeiro Telles ou Paulo Caetano, notabilíssimos intérpretes do classicismo tão indissociável da nossa forma muito genuína e muito portuguesa de lidar touros a cavalos.

A figura dos forcados, ainda não referenciada neste estudo, é uma figura que surge com algum rigor histórico, com os reis D. Afonso VI, D. Pedro II e D. Miguel. Mas o certo é que a pega só se estabelece com a generalização do touro embolado e está demonstrado que o aparecimento dos primeiros forcados em grupo acontece no segundo quartel do século XIX. A sua atuação desperta desde logo um extraordinário entusiasmo que se mantém bem vivo ainda hoje e a tal ponto que uma corrida de cavaleiros sem forcados é inimaginável.

Mas a grande questão é porque é que só em Portugal é que acontece a tradição dos forcados? É importante lembrar que a Península Ibérica sofreu desde sempre invasões, a simbologia dos forcados advém deste pedaço de terra entre o mar, a que teoricamente era impossível fugir, logo todas as batalhas teriam de ser enfrentadas sem possíveis fugas. Sem ponto de fuga havia que enfrentar o inimigo. A pega é isso mesmo, um encontro simbólico entre o homem e o animal em que não há fuga possível, os dois enfrentam-se na arena e nenhum pode virar as costas ao outro.

A pega é essencialmente uma peleja entre dois machos, um desafio que ao longo dos séculos se repetiu vezes sem conta. As próprias manobras destinadas à captura ou ao manejo dos touros no campo deve ter proporcionado inúmeros ensejos para o violento encontro.

Jaqueta e barrete, formas típicas do vestuário popular. O forcado, rural e etnológico, representa na arena a histórica e sempre desejada simbiose portuguesa entre a nobreza e plebe. Vestido de povo, atua como fidalgo no mais comum dos amadorismos. E como fidalgo, avança para o inimigo de mãos nuas, com uma postura hirta. Ao consumir a sorte ao agarrar e sujeitar o inimigo, une-se não só ao seu grupo, mas ao vasto aglomerado dos outros portugueses que vibram nas bancadas, projetando-se orgulhosamente naquela simbólica figura, a que mais perigos enfrenta no eterno jogo entre o homem e o touro.

Não se pode falar com rigor da evolução do toiro bravo se não se falar, simultaneamente, da evolução ou nas novas maneiras de tourear. O toiro é um dos três pilares da Festa (o Toureiro e o público são os outros) que permitiu a sobrevivência desta, através de mudanças continuadas. Evoluir para se moldar às éticas e estéticas de cada sociedade, século após século. Isto não seria

possível sem a mão do homem. Nada no toureio surge por acaso e muito menos o toiro e a sua seleção. Só, desde esta, se foi aperfeiçoando evolutivamente o toiro bravo, para se adequar às novas formas de interpretar o toureio que pedia o público. Neste sentido, foi o ganadeiro, uma peça fundamental nesta evolução.

Rigorosamente não se pode falar de encastes mas sim de ganadarias de “*fundação*”. Ganadeiros que foram selecionando uma primeira investida até a converterem em bravura suscetível de ser toureada e lidada em cada tempo.

Capítulo III- Tauromaquia: património imaterial de Monforte ao longo dos séculos

1. Abordagem histórica da tauromaquia no concelho de Monforte

2. Época Romana- Torre de Palma, um acaso e um princípio?

Monforte é um concelho igualmente rico em vestígios e referências arqueológicas que datam de há muitos séculos. É importante fazermos um enquadramento destes achados arqueológicos na fundamentação desta análise sobre a importância do Centro Interpretativo para a região.

Para que exista uma maior compreensão sobre a importância da construção de um centro interpretativo sobre esta temática na nossa vila é fundamental que o mesmo se sustente em bases históricas e que se procure encontrar argumentos do nosso passado como ponto de partida para este que é o nosso futuro. Não faria sentido edificar um centro interpretativo tauromáquico numa zona em que a atividade taurina tem uma forte tradição, sem compreender o que antecedeu essa mesma tradição, ou seja procurar na base da nossa história enquanto concelho, alguma sustentabilidade que nos ajude a perceber como chegamos até aqui.

Este ponto do estudo é o ponto de partida para conhecer a nossa terra e a base do centro interpretativo. A grande questão que se coloca passa por tentar perceber a partir de que época é que fomos e somos um lugar onde a criação de touros e cavalos tem importância para a economia local e regional.

Ao recuarmos no tempo e numa viagem pela história encontramos no nosso concelho registos intemporais da importância dos touros e dos cavalos por estes campos. Referimo-nos ao Monte de Palma, que se localiza no concelho de Monforte (5km) no distrito de Portalegre, de acesso fácil pela estrada nacional nº369 que liga a vila de Monforte à aldeia de Vaiamonte.

A *villa* de Torre de Palma surge inserida num conjunto de diversas *villae* Lusitano-Romanas, as quais se denominam por *villae* Romanas do Nordeste Alentejano. Torre de Palma situa-se numa meia encosta com exposição privilegiada entre uma cumeada com arvoredos e um pequeno riacho. Torre de Palma era um sítio de confluência de várias vias Romanas, com destaque para a via Emeritense e a via Imperial, que ligava Montóbriga e Miróbriga¹².

A *villa* era uma grande quinta, muito semelhante ao tradicional monte alentejano, onde para além da luxuosa habitação senhorial, existam dependências ligadas às atividades agrícolas. A propriedade de Torre de Palma passou de geração em geração dentro da mesma família ao longo de 400 anos. Nos finais do séc. II ou nos inícios do séc. IV, por ocasião de grandes modificações, a casa recebeu uma nova decoração.

Além de pinturas foram realizados vários mosaicos, uns geométricos, outros com figuras como foi o caso do “Mosaico das Musas” e do “Mosaico dos cavalos”. Ao mandar executar a decoração da casa o proprietário procurava demonstrar a sua fortuna e o seu estatuto social. Por isso contratou os melhores artesões, não só para fazer os pavimentos como também as pinturas das paredes.

Descoberta por um agricultor em 1947, quando surgiu sob a charrua um mosaico e levantada por mosaístas Italianos em 1949, data em que deu entrada no Museu Nacional de Arqueologia. A Torre de Palma tem representado em dois mosaicos: O *Triunfo de Dionysos (Baco)* e *Teseu Brandindo a clava com que venceu o Minotauro*, estes dois mosaicos fazem parte de um grande quadro com as musas.

Para além do “Mosaico dos cavalos”, importante para a compreensão deste animal na representação artística e na vida quotidiana ou não dos habitantes da *villa*, ainda foram encontradas outras imagens associadas à temática taurina: o *Dionysos* e o *Minotauro*. São três referências associadas à

¹² Apud; Heleno, M.; “A “Villa” Lusitano-romana de Torre de Palma”, *O Arqueólogo Português*; 2ª série; IV;1962

tauromaquia no nosso concelho e que datam da época romana, o que pode significar que desde há muito tempo que somos um lugar onde os animais ligados à festa brava faziam parte da vida do homem de cada tempo.

É claro que as imagens alusivas à mitologia grega não tem a ver diretamente com a criação do touro na nossa região, mas são um mero acaso interessante para a realização deste estudo. Numa altura em que percorremos os caminhos da história dos nossos antepassados para entender um pouco a história quotidiano, torna-se pertinente o encontro destes mosaicos num concelho que vive em pleno a tauromaquia e os seus diversos elementos.

Sabemos que *Dionysos* ou o *Minotauro* não passam de elementos da mitologia grega e no contexto da *villa* romana de Torre de Palma, teriam sido mandados desenhar pelo proprietário para demonstrar algum poder económico conhecimento cultural, supõem-se que os habitantes da casa seriam pessoas com alguma cultura com base nos clássicos.¹³ Contudo não podem passar indiferentes neste estudo, uma vez que procuramos fundamentar a importância destes animais até aos dias de hoje.

As imagens destes dois mosaicos podem ser de certa forma associadas ao lugar onde foram encontradas, ou seja à terra ou melhor ainda à localização. A origem da lide de touros pode ter alguma filiação com o próprio carácter sagrado dos touros, dado que vencer aquele animal incarnando a potência e perfeição era uma proeza.

A luta entre Teseu e o Minotauro foi representada com frequência na arte grega, o Minotauro, monstro com cabeça de touro e corpo de homem, nasceu de amores platónicos e monstruosos de Pasifeia, esposa de Minos, rei de Creta com um touro branco enviado por Neptuno, deus do Mar. Teseu matou o monstro por amor conseguindo sair do labirinto onde estava o Minotauro, graças ao fio de novelo que foi deixando como ajuda para a saída.

Na mitologia grega, o touro era considerado um símbolo de força, prosperidade, fertilidade e abundancia. Também conhecido como *Hap*, *Hapi* ou *Hape*, era o touro negro (que deveria ter um triângulo de pelo branco na testa, além de outras marcas específicas) da mitologia egípcia venerado em Mênfis. Tinha nascido da luz de um relâmpago lançado por Ísis e simbolizava a fertilidade e a força. O culto do touro era muito difundido nas civilizações da

¹³ Teseu e Minotauro, Apolo e Dafne e Dioniso são personagens que tem origem na tradição grega, mas fazem igualmente parte integrante da cultura romana.

Antiguidade, como se pode verificar com o deus Baal. Ápis foi igualmente alvo de devoção pelos gregos e romanos.

O touro está assim representado nas mais variadas civilizações ao longo do tempo, o encontro destas imagens em Torre de Palma pode enquadrar mais um especto histórico interessante e relacionado com o símbolo do toiro e dos cavalos no nosso concelho.

Há muita bibliografia sobre Torre de Palma, aliás esta *villa* tem sido alvo de muitos estudos ao longo dos anos. Muitas são as teorias e fundamentações sobre a importância da sua localização, a sua construção ou sobre os hábitos dos homens que nela viveram. Encontram-se diversas versões sobre o significado dos mosaicos, neste caso em particular qual o sentido pictórico dos cavalos e da representação simbólica do Teseu e do Minotauro ou ainda do *Triunfo de Dionysos*.

A *villa* de Torre de Palma e os seus vestígios arqueológicos tem toda a importância para a fundamentação do nosso trabalho, perceber se realmente os cavalos existiram no nosso concelho deste o tempo dos romanos é fundamental para enquadrar esta certeza como referencia histórica que se manteve até aos dias de hoje.

Como referimos anteriormente, a constituição e dimensão da *villa* indicam-nos que os senhores que nela habitavam deveriam ser pessoas abastadas e socialmente importantes. Só assim sendo seria possível o desenho dos mosaicos no chão das casas e para que essa decoração fosse possível teria de ter sido feita por artesãos da época o que demonstrava também a riqueza dos seus proprietários.

O conhecido “Mosaico dos cavalos” encontrava-se num compartimento¹⁴ que dava acesso a uma grande sala com três absides, ou seja com três arcos ou abóbodas, essa sala seria um espaço de receção e habitualmente ligado à realização de atividades lúdicas e culturais. Seria um espaço que os senhores da *villa* utilizavam para receber os amigos e para juntos conviverem e assistirem a espetáculos de teatro ou musica. O conhecido “Mosaico dos cavalos” estaria numa pequeno compartimento que daria acesso a essa mesma sala. O que revela também a importância dos desenhos para os

¹⁴ Lancha, J.; André P; *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal, II,1, A villa de Torre de Palma*; Instituto Português de Museus; Ministério da Cultura; Lisboa; 2000

proprietários, já que estavam expostos num espaço de acesso a todos, logo teria sido intencional essa mesma disposição.

A grande questão passa por perceber se esses mesmos desenhos nos mosaicos teriam apenas um intuito decorativo, que demonstravam o poder e a posição social dos senhores ou se seriam também uma forma de homenagear os cavalos que a propriedade teria a sua própria criação.

Esta é para nós a questão fulcral e por isso faz todo o sentido ser enquadrada neste projeto do Centro Interpretativo Tauromáquico. Será que o nosso concelho tem criação de cavalos desde o tempo dos romanos? Essa influência manteve-se até aos dias de hoje e por isso somos um concelho com tradição equestre? A resposta a esta questão não pode ser dada com uma certeza absoluta. Há uma imensa diversidade de opiniões sobre a vida dos romanos na *villa* de Torre de Palma. Mas para já e pela investigação realizada é certo que os mosaicos tinham pelo menos um grande objetivo: o de demonstrar aos visitantes a sua importância para os senhores da casa, se fosse de outra forma não estariam colocados num compartimento de acesso a uma sala importante e que servia fundamentalmente para convívio entre os proprietários e as suas visitas, logo o intuito seria ser vistas.

Estes desenhos de cavalos poderiam também ser uma forma de homenagear os animais que nesta altura eram utilizados basicamente em corridas nos hipódromos. Estas corridas eram violentas, e resultavam em algumas circunstâncias em despistes e mortes dos animais. Eram espetáculos comuns e que os romanos apreciavam muito, chamavam-lhes *Ludi circenses* ou seja corridas de circo. A sua realização implicava grandes somas de dinheiro, o que trazia enorme prestígio às pessoas que as ofereciam às populações. No fim da corrida o auriga (conductor do carro) saía vitorioso e os seus cavalos eram adorados como heróis.

"Inacus", "Iberus", "Leneus", "Lenobatis", "Pelops". Segundo M. Ennaïfer,¹⁵ os quatro primeiros seriam cavalos barbos, quer dizer da África do Norte, enquanto que "Pelops" seria de raça árabe, opinião não consensual, uma vez que "Inacus", "Iberus" e "Lenobatis" tinham efetivamente uma silhueta menos delgada que "Pelops" e "Leneus", mas são também excelentes cavalos de corrida: "Lenobatis" é mesmo, certamente, o melhor do grupo, pois o lugar de honra que ocupa e os arreios que ostentam distinguem-no dos outros. O que

¹⁵ Ennaïfer M., "Le mosaïque africaine à la fin de l'antiquité e au début de l'époque médiévale", Journal of Roman Archeology, Vol. I. Ann Arbor, Michigan: Cushing-Malloy, 1994, pp. 307-319.

parece seguro é que um destes grupos de cavalos possa ter pertencido à raça lusitana enquanto o outro grupo devia ter outra proveniência.

Estes desenhos nos mosaicos representavam cavalos importantes, certamente já tinham vencido corridas de carros no hipódromo, oferecidas pelo dono da casa a questão que se coloca é se estes cavalos estavam ligados apenas a esta parte desportiva e de certa forma comercial ou também eram criados na herdade de Torre de Palma.

Segundo o artigo escrito por Michael Mackinnon: *O papel dos animais na economia rural da Lusitânia romana: zooarqueologia de Torre de Palma* publicada no n.º13/14 da Revista Cultural de Portalegre *a cidade* (1999-2000), realizou-se um estudo sobre o contributo dos animais para a dieta e economia desta *villa* que permite perceber alguns dos animais consumidos pelos habitantes estabelecendo uma relação entre o que consumiam com o que criavam. Este estudo concluiu que não foram encontrados enterrados ou seja nas lixeiras (onde existiam restos de ossos de outros animais que consumiam) equídeos (cavalos) e cães, o que significa que pelo menos nesses espaços não haviam vestígios desses animais, logo não eram consumidos.¹⁶

Os cavalos seriam certamente muito populares no local e foi mesmo concluído que o proprietário teria constituído parte da sua riqueza na produção equina, segundo este estudo algumas evidências sustentam esta conclusão, apresentamos os argumentos que sustentam esta informação. Em primeiro lugar a existência de um mosaico com cavalos (vencedores) que decora um importante compartimento da casa, em segundo lugar ter sido comprovada a existência de um lugar ou estrutura chamada Casa Porticada, que é semelhante aos modernos estábulos, tanto pelo seu pavimento (um pavimento em calhaus rolados permite uma boa drenagem e pode ser atapetado com palha) e também pela própria dimensão dos compartimentos (cada compartimento tem cerca de 3x 3 metros, aproximadamente a mesma dimensão dos estábulos atuais). Em terceiro lugar, este estudo argumenta que existe o desenho de um antigo hipódromo no terreno a este da *villa*, e por ultimo, aquele que nos parece a nós também uma fundamentação importante, passa pelo facto de terem sido encontrados, nas escavações, mais dentes de cavalo do que de mula ou de burro, e esses dentes pertencerem a cavalos jovens, logo pode indicar a existência de criação e guarda de cavalos na propriedade.

¹⁶ *a cidade*; Revista Cultural de Portalegre; Lisboa; Edições Colibri, n.º13-14M; 1999-2000; pp.129-140

Ainda neste estudo sobre a fauna existente na herdade de Torre de Palma, considera-se que os cavalos possam ter sido igualmente utilizados para a caça,¹⁷ visto que existe um número considerável de vestígios que provam que esta zona era importante para a cinegética e tendo em conta que os proprietários da *villa* seriam pessoas ricas, a caça poderia ser uma forma de convívio e de alimentação em algumas circunstâncias festivas.

É difícil termos a certeza concreta de todos estes elementos, visto estarmos perante factos que aconteceram há muitos séculos, contudo e com base no estudo e investigação é possível reunir dados que nos permitem concluir a importância do cavalo já na época romana e nomeadamente no concelho de Monforte. A Villa Romana de Torre de Palma é por isso o início do nosso percurso e o fio condutor que nos vai levar até à contemporaneidade e prova a importância da edificação do Centro Interpretativo Tauromáquico em Monforte.

3. Idade Média

A informação que dispomos desta época é muito 1431

4. Casa de Bragança

¹⁷ Alarcão, Jorge de; Portugal Romano; 3ªed.Lisboa;Editorial Verbo

Capítulo IV- Monforte Taurino: do passado ao futuro

1. Monforte Taurino na época contemporânea

Todo o espaço do Centro Interpretativo tem como figura central o homem. No sentido em que é em torno deste que o projeto se desenvolve e é pela mão deste que tudo acontece no mundo da tauromaquia.

O nosso concelho acolhe muita gente ligada ao mundo dos touros, temos na nossa terra toureiros, bandarilheiros, moços de espadas, forcados, campinos e novilheiros. É todo um ambiente taurino aquele que desde sempre se inala na nossa terra e nas nossas gentes. Monforte é lugar de emoções da festa e de memórias contadas e recontadas vezes e vezes sem conta por todos aqueles que ao longo dos tempos identificaram esta terra como sítio de afición.

2. A primeira praça de touros da vila

Desde 1879, ano em que segundo se sabe existiu a primeira praça de touros em Monforte. Na época consta que se situava nos claustros do Convento do Bom Jesus e que pertencia a José Maria da Silva Sardinha e a José António Lopes.

Nela sabe-se que chegou a atuar José Augusto Portel, que era sempre um grande cartaz da terra. José Augusto Portel foi um cavaleiro amador da época, aliás como entre outros que na altura não tiravam a alternativa mas que

percorriam as poucas praças do país. É comum também para a época vermos na figura do cavaleiro outras funções na arena, por exemplo podia ser simultaneamente bandarilheiro ou forçado. Uma situação pouco usual nos dias que correm, embora possamos encontrar bandarilheiros que hoje são forçados ou novilheiros e matadores de touros que hoje são bandarilheiros. Mas essa é uma questão que está relacionada com a dificuldade de cumprir a profissão num país onde não há toiros de morte, salvo uma exceção.

Há poucos dados sobre a realização das corridas nos claustros do convento. A ideia parece ser similar aos antigos teatros que eram feitos em Espanha por volta do século XVI e XVII, os chamados *Corral de Comédias*. Estes espaços cénicos eram instalados em pátios de casas plebeias. As primeiras corridas de toiros em Monforte decorreram justamente num espaço com algumas semelhanças. Os claustros do antigo convento serviram para esses espetáculos tauromáquicos, as pessoas sentavam-se nas varandas dos claustros viradas para um redondel com uma forma mais quadrada do que circular. Estas corridas correspondem ao início do século XX.

Posteriormente, no tempo da primeira Republica a Camara Municipal abriu o convento a meio e como tal esse espaço deixou de ser utilizado. Uma das partes ainda se mantêm nos dias de hoje com edifícios, mas a outra foi totalmente destruída. Assim surgiu uma das avenidas mais emblemáticas da vila de Monforte, onde hoje se encontram alguns edifícios ainda pertencentes à Camara Municipal e a Biblioteca da vila.

3. Inauguração da Praça de Touros de Monforte

A atual praça foi edificada em 1928 num terreno de José Alfredo Sardinha e seus familiares e mandada construir pelo próprio e por Cláudio Moura, Fernando Fernandes Pereira de Moura e outros Monfortenses ilustres.

Nesta mesma praça ocorreram muitos espetáculos tauromáquicos, mas ao longo dos anos foi-se arruinando, ficando a vila de Monforte sem um redondel à altura da grande projeção que alguns dos seus conterrâneos lhe deram com a posição cimeira que alcançaram ao longo dos anos no mundo dos toiros.

4. Reinauguração da praça de touros João Moura (Pai)

Nos anos 80 a Camara Municipal de Monforte iniciou a recuperação da degradada praça e a sua reinauguração aconteceu a 3 de Outubro de 1987, com uma lotação de 1800 lugares, completamente esgotada.

Na reinauguração da praça o cartel foi composto pelos cavaleiros: João Moura, Paulo Caetano, Vasco Taborda, António Telles, José Paulo, João Salgueiro e Luís Saramago. Os 7 toiros pertenciam à ganadaria de D. João Dias Coutinho, e pegava o grupo de forcados amadores de Santarém, capitaneados pela antiga glória da forcadagem Francisco Romão de Moura, nesse grupo de forcados também estavam integrados alguns membros já retirados, mas que marcaram a sua presença por serem alentejanos.

Os toiros depois de lidados foram recolhidos a cavalo pelos Monfortenses, Sodónio Moura, João Benito Moura, Jaime Moura Tavares, Augusto Maldonado, Armando João Moura, João Rosendo, Manuel Farinha e João Florindo. Foi um espetáculo interessante e que foi ponto de partida para uma nova era das corridas de toiros na vila de Monforte.

Anos mais tarde a praça foi ampliada ficando com a lotação de 2350 espectadores.

5. O homem como figura da tauromaquia na vila de Monforte- Intervenientes do passado, do presente e do Futuro

Cláudio Moura: um visionário

A figura central da história da tauromaquia no nosso concelho é sem dúvida o mítico Cláudio Moura, uma figura impar e marcante na história da vida dos Monfortenses, enquanto presidente da Camara e enquanto homem que divulgou o nome da terra ao nível nacional e internacional no panorama tauromáquico.

Quem foi afinal Cláudio Moura? Os registos e os documentos sobre este homem são escassos, dado que todos os seus bens foram vendidos e certamente que com eles teriam ido documentos importantes e reveladores da sua vida quotidiana e do seu papel enquanto cidadão interveniente na sociedade local.

Cláudio Moura é natural de Monforte, onde nasceu em 1898 foi um homem importante e presente na vida dos Monfortenses, sabe-se que foi presidente da camara local e que um dos seus feitos foi instalar a eletricidade e

o serviço telefónico na vila. O que alguns testemunhos orais contam é que este homem esteve também ligado ao governo de Salazar e que eventualmente estudou na Universidade de Coimbra.

O que sabemos e que está publicado no livro *“Monforte Villa Taurina”* de António José Zuzarte¹⁸ é que Cláudio Moura adquiriu em 1937 a ganadaria de Casimira Fernandez, viúva de Soler, com divisa amarelo, branco e azul e sem sinal de orelhas. A qualidade da ganadaria foi reconhecida além-fronteiras e os seus toiros começaram a ser lidados nas arenas de Portugal, Espanha e França.

O nome Monforte começou a ser divulgado nessa altura e essa projeção teve certamente a ver com o reconhecimento da sua ganadaria em praças importantes e o facto de as reses terem sido lidadas por toureiros importantes.

Mas o que na realidade divulgou e valorizou a ganadaria de Cláudio Moura foi o facto de esta ser constituída por uma linha espanhola, ou seja o ganadeiro adquiriu animais com linha de Espanha o que na época era pouco comum ou senão caso único. Essa aquisição foi importante e demonstrava também o poder económico deste homem, já que era difícil e caro adquirir nesta altura gado de linha espanhola. Havia também alguma curiosidade em ver a bravura dos animais e quando se percebia que permitiam boas faenas, difundiam o nome do ganadeiro em Portugal, Espanha e França.

Cláudio Moura foi sem dúvida um visionário e um homem que arriscou ao nível económico por amor à festa brava, este gosto e interesse valeu-lhe a valorização da sua ganadaria e o reconhecimento no meio tauromáquico da altura.

Esta ganadaria, Soler, tinha sido fundada por Filiberto Mira (1880) com reses de casta Jijona do Marques de La Conquista e aumentada por António Soler (1902) com outras de Campos Varela, às quais sua viúva, Casimira Fernandez Soler, agrega sementais Conde de La Corte. Cláudio Moura, mais tarde, voltou a introduzir-lhe os mesmos sementais e ainda sementais de Dr. António Silva.

Sabe-se que foi lidada uma novilhada desta ganadaria, já na posse de Cláudio Moura, na praça de Madrid no ano de 1945. Em 1947 a ganadaria teve um grande sucesso na praça do Campo Pequeno e de Espinho. Foram

¹⁸ Zuzarte, António José; *Monforte “Villa Taurina”*; Camara Municipal de Monforte;2001

também apresentados curros em praças francesas como Arles, Béziers e Bayonne e no Campo Pequeno chegou a ganhar um concurso como melhor ganadaria.

O sucesso das reses foi notável e reconhecido em todo o país, até porque Cláudio Moura dedicou muito do seu trabalho à ganadaria e a seleção das vacas era feita de forma criteriosa.

Era na Herdade dos Francos que se faziam as tentas com as maiores figuras taurinas da época, na procura de selecionar o gado mais bravo e apurado, na época o ganadeiro alugava também uma herdade no Ribatejo para que os animais pudessem pastar em prados salgados, a deslocação do gado era feita ainda de forma tradicional, ou seja conduzidas a pé.

Foi também na Herdade dos Francos que em 1949, o realizador José Buchs, rodou parte do filme "Sol e Toiros" com Manuel dos Santos, Leonor Maio e Artur Semedo. Um filme importante e que faz parte da época de ouro do cinema português, e onde a temática central volta a ser a tauromaquia e a sua importância cultural e artística.

Mas a figura de Cláudio Moura não assenta apenas na importância que teve enquanto ganadeiro e homem do campo e que lhe deu a notoriedade ao nível nacional e internacional. Para além de um homem multifacetado, tendo sido também forçado e cavaleiro enquanto jovem, a figura de Cláudio Moura assenta ainda na sua importância e postura enquanto homem relevante para a sociedade Monfortense. Foi um cidadão ativo e visionário e desempenhou com total sentido cívico o dever de Presidente da Camara Municipal. A população de Monforte deve-lhe a instalação do serviço telefónico e da energia elétrica.

Cláudio Moura morreu de forma repentina a 12 de Fevereiro de 1956 com 58 anos, numa idade e numa altura da sua vida em que havia ainda muito por fazer não só enquanto agricultor, mas também como ganadeiro e como cidadão.

Logo após a sua morte a ganadaria foi vendida a D. Diogo Passanha, sendo levada de Monforte para as planícies alentejanas de Ferreira do Alentejo.

É o homem enquanto ser visionário que recomeça a tradição taurina por terras do Norte Alentejano, projetou o nome de Monforte ao nível nacional e internacional e a sua ganadaria tornou-se reconhecida pela bravura e pela casta, fruto do seu dedicado empenho e trabalho.

Cláudio Moura ficou na história da história de Monforte e fundamentalmente na história da tauromaquia nacional porque foi um homem inovador na forma de gerir e de investir no toiro bravo, distinguiu-se porque foi o primeiro ganadeiro português a adquirir reses de sangue espanhol, como já foi anteriormente referido o que na época colocou a ganadaria no centro do mundo tauromáquico ao nível nacional e internacional.

Cláudio Moura foi um homem do seu tempo e de todos os tempos, é com ele e na figura dele que se centra toda a história contemporânea da tauromaquia. Como tal trata-se da base daquilo que somos nos dias de hoje como concelho tauromáquico e onde este património imaterial se torna na base de toda a nossa cultura.

Os Irmãos Moura

António Benito Romão de Moura e seu irmão João Augusto Romão de Moura nasceram na vila de Monforte, o primeiro em 22 de Fevereiro de 1934 e o segundo em 6 de Fevereiro de 1936.

Dois filhos da terra que deram continuidade à Festa dos Touris que seu tio Cláudio Moura tinha iniciado há muitos anos atrás.

O seu espírito aficionado não deixou morrer neste recanto do Alentejo o ambiente taurino que sempre os acompanhou desde pequenos.

António acompanhou sempre mais de perto a casa agrícola que ambos tinham em conjunto, ao passo que o João mais desprendido da lavoura se dedicava aos cavalos e ao seu ensino, tendo como mestre o Major Valadas. Os cavalos foram sempre a sua grande paixão. No fundo completavam-se um ao outro e resolveram iniciar uma ganadaria brava primeiro adquirindo em 1962 aos irmãos Alves, do Redondo, um lote de vacas de origem Pedrosa, às quais juntam um toiro de Rafael Calado, da mesma origem.

Dois anos mais tarde, aumentam o efetivo com outro lote de vacas, também de Rafael Calado, acompanhado de um semental de origem Soler.

Posteriormente, em 1980, por partilhas, o lote que cabe a António Moura passa por anunciar-se em nome de sua mulher Maria Guiomar. A outra parte que tocou ao seu irmão João, aparece a partir daí com o nome de “Torre de Onofre” já com sementais de seu filho João António Moura. Foram seus maiores o Manuel Farinha e o João Florindo.

Em 1989 esta ganadaria foi vendida ao matador de toiros Victor Mendes.

A ganadaria dos Irmão Moura sempre apresentou um índice de bravura muito elevado dando momentos de alegria aos dois irmãos, que davam assim seguimento á festa dos toiros em Monforte depois do desaparecimento da ganadaria de seu tio Cláudio Moura. Ó António casou com Maria Guiomar Cortes de Moura e dessa união nasceu o Armando João e a Dita, hoje casada com Paulo Caetano. Por sua vez o João teve como mulher a Maria Adelaide Romão de Moura e os seus filhos João António e o saudoso João Benito vieram dar alegria a este casal.

O António e o João, já partiram, mas deixaram descendência que deu continuidade à festa dos toiros.

Nos dias de hoje os seus netos já são a garantia de que a afición ao toiro e ao cavalo não desaparecerão deste Monforte onde nasceram, viveram e morreram. Ficarão sempre presentes no coração dos Monfortenses, pelo muito que fizeram em prole da Festa e do desenvolvimento da vila que tanto amaram.

António José Zuzarte

Nasceu em Veiros em 7 de Agosto de 1939. António José de Sousa Zuzarte tem na sua família muitos antepassados ligados a Monforte. Talvez as suas origens tenham surgido nesta terra. Em 1987 fixou residência e espera neste belo recanto do Alentejo acabar os seus dias.

Em 1954 foi estudar para a Escola de Regentes Agrícolas de Santarém onde permaneceu até 1959, tendo aí terminado o curso de Engenheiro Técnico Agrário. Nessa sua passagem pela capital do Ribatejo amadureceu em si uma vontade forte de ser forçado, porque o seu gosto pelo espetáculo dos toiros já lhe vinha desde menino e seu pai já tinha sido cavaleiro amador e grande aficionado.

Em 1955 pegou de caras a sua primeira vaca brava, em tourada à vara larga, na aldeia de Santo Amaro onde habitavam os seus avós maternos.

Em Março de 1957 pega de caras o primeiro garraio na praça de Veiros e em Maio na velha praça de Santarém, durante a garraiada das Festas da Escola, pega de cernelha o seu primeiro novilho.

Daí até vestira jaqueta das ramagens dos Amadores de Montemor-o-Novo ocorreram perto de 2 meses. Em 11 de Agosto de 1975 na praça de toiros de Vila Viçosa fazia a sua estreia como forçado com toiros da extinta

ganadaria de António Lopes Aleixo, lidados a cavalo pelo Dr. Fernando Salgueiro e por Pedro Louceiro. A pé atuou José Trincheira e o espanhol José Rodriguez “El pio”.

No dia seguinte, na inauguração da praça do Redondo, pega de caras o seu primeiro toiro. Era da ganadaria de António Branco Teixeira e tinha sido lidado pelo mexicano Gaston Santos. Logo de seguida em 15 de Agosto, em Reguengos de Monsaraz, executa a primeira cernelha tendo como rabejador o cabo do grupo, Joaquim José Capoulas. Iniciou-se assim uma carreira que iria durar 23 anos.

Sob a chefia do cabo Capoulas até ao fim da época de 1979, quando fez a sua despedida na praça de Montemor-o-Novo e entregou o comando ao grande João Eduardo Cortes.

Nessa tarde o Grupo comemorava 40 anos de existência e Zuzarte pegou de cernelha um toiro da ganadaria do antigo cabo Simão Malta sendo rabejador Simão Comenda, que já se tinha retirado há alguns anos e que nessa tarde vestia de novo a jaqueta.

Durante todos estes anos fardou-se em cerca de 300 corridas e pegou 85 toiros. A maior parte de cernelha com Simão Comenda, o maior rabejador de sempre, ou ainda com Joaquim José Capoulas, Acácio Pedroso, João Vidigal Pais, Joaquim António Abreu, António Charrua, João Gião Freixo, João Cortes e Victor Vacas.

De caras pegou 22, quando as cernelhas eram impossíveis e a resolução de problemas se impunham.

Além das praças portuguesas, atuou também em Espanha e em países onde a festa brava não tem tradições, como foi o caso da Indonésia, Estados Unidos da América e Canadá onde foi um dos pioneiros.

Depois da despedida em 1979 ainda envergou a jaqueta em ocasiões especiais em grupos formados por forcados já retirados que se juntavam para pegarem essas corridas. Uma dessas vezes foi a 3 de Outubro de 1987 na reinauguração da nova praça de touros de Monforte. Nesse mesmo ano executou a sua última cernelha com Simão Comenda em 2 de Setembro na praça de touros de Estremoz numa corrida de homenagem pelos 25 anos de alternativa do cavaleiro José Maldonado Cortes. Era um toiro da ganadaria monfortense de Maria Guiomar Cortes Moura que Paulo Caetano tinha lidado a cavalo.

Em tantos anos pisando as arenas houve grandes triunfos, alguns fracassos e também algumas colhidas.

A última das quais em 11 de Setembro de 1996 na praça de Montemor-o-Novo já com 57 anos, quando na corrida de homenagem póstuma ao antigo cabo Simão Malta, um toiro da ganadaria de seus herdeiros, “Marujo” de seu nome, colheu-o gravemente quando dava uma segunda ajuda a um forcado de Montemor, o seu grupo de sempre.

Desde 1999 que orienta o grupo de Forcados de Monforte, transmitindo aos jovens forcados a sua experiência adquirida ao longo de mais de 40 anos.

Uma vida dedicada à festa dos toiros e à pega, honrando uma única jaqueta dignificando sempre o Forcado Amador.

Cavaleiros

João Moura

João António Romão de Moura nasceu em Monforte a 24 de Março de 1960, de família com raízes ligadas à festa. Seu tio-avô Cláudio Moura foi uma referência como ganadeiro, o seu pai João Augusto, foi um enorme cavaleiro e ganadeiro assim como o seu tio António Benito, que esteve sempre na primeira linha e nunca lhe recusou qualquer ajuda, fosse ela qual fosse.

Começou a tourear aos 10 anos, apresentando-se pela primeira vez em público, na praça de toiros de Portalegre a 24 de Setembro de 1970 e desde logo, mostrando uma intuição rara para o toureio. A 28 de Junho de 1973 aparece no Campo Pequeno ao lado do Mestre João Nuncio, Manuel Conde, David R. Telles, José Mestre Batista, Frederico Cunha e do ainda amador Emídio Pinto, lidando toiros do Dr. José Norberto Pedroso e Irmão que foram pegados pelos amadores de Montemor de António Zuzarte e os de Lisboa de Nuno Salvação Barreto.

Ainda como amador começou a tourear por Espanha onde em 1975 atuou em 22 tardes e 76 na temporada seguinte.

Prestou a prova de praticante em Montemor-o-Novo a 2 de Maio de 1976, num festival em que alternou com David Ribeiro Telles, José Maldonado Cortes e Luís Miguel da Veiga. Ainda nesse Maio triunfaria na apresentação em Madrid, na feira de Santo Isidro: mais do que conquistar o troféu para o melhor cavaleiro, surpreendido o público que viu nele um verdadeiro fenómeno.

O sucesso que obteve permitiu-lhe o contrato para a corrida da Beneficência, a 10 de Junho seguinte e que o lança definitivamente, cortando duas orelhas a um toiro de Bohorquez, saindo em ombros pela Porta Grande de Las Ventas, por onde sairia em triunfo máximo mais sete vezes. João Moura entrou no coração dos espanhóis ainda muito jovem e os seus triunfos sucessivos repetiram-se por toda a geografia taurina, França e Espanha, além de Portugal, onde encheu praças e cobrando quantias nunca antes pedidas por outro cavaleiro.

João Moura era já a primeira figura do toureio a cavalo quando na cerimónia alternativa em Santarém, a 11 de Junho de 1978, David Ribeiro Telles lhe cedeu o primeiro toiro Palha da tarde, na presença de José Mestre Batista e José João Zoio. Pegaram os Forcados Amadores de Santarém e de José Manuel Souto Barreiros e os de Montemor de António José Zuzarte.

A sua carreira iria continuar por todas as praças de França às Américas, onde em 1981 corou a sua campanha triunfal na Monumental do México, como antes aconteceu em Cali, na Colômbia onde uma colhida grave ficou a marcar a sua passagem.

Em Portugal a sua grande consagração aconteceu quando em 30 de Setembro de 1979, na praça de Santarém, com a lotação completamente esgotada, lidou sozinho, de forma magistral, seis toiros de diversas ganadarias portuguesas e espanholas e depois ainda o sobrero, obtendo um triunfo histórico.

Anos mais tarde, em 27 de Julho de 1995, “encerrou-se” de novo no Campo Pequeno, a Catedral do toureio de Lisboa, onde, com lotação esgotada, lidou 7 toiros, como o faria ainda em 23 de Julho de 1998, obtendo triunfos que não serão jamais esquecidos. Passados 20 anos da sua alternativa mostrou todo o seu talento.

Incomparável de ritmo, temple, toureia, domínio de arte, que o mantem ainda hoje como a primeira figura do toureio mundial, impondo-se como o maior lidador de todos os tempos, aquele que toureia com um temple nunca visto no toureio a cavalo.

PAULO CAETANO

Paulo Jorge Padrão Caetano nasceu em Portugal, na cidade de Almada, a 1 de Fevereiro de 1959. Começou a montar a cavalo na sela do seu tio Fernando Metzner Serra, apenas com 3 anos.

Em Outubro de 1973, estreou-se como Cavaleiro Tauromáquico, com 13 anos.

A sua formação Equestre teve como principais mentores dois homens da Equitação: O **Senhor Visconde da Côrte e o Eng. João Parreira Cano**, que, á parte do acompanhamento constante que lhe dedicaram, souberam promover constantes jornadas de formação e tertúlias junto de alguns dos maiores cavaleiros que eram seus amigos: Dr. Guilherme Borba, Prof. Celestino da Costa, Brigadeiro Henrique Calado, Coronel Jorge Matias e Tenente Coronel João Martins Abrantes, **Senhor David Ribeiro Telles, D. Francisco Mascarenhas.**

Na parte Tauromáquica dois Profissionais de méritos firmados: **António Badajoz** no conhecimento do Toureio e do Touro Bravo e o Cavaleiro Tauromáquico **Victor Ribeiro pai.**

Definindo, desde cedo, um estilo próprio, foi um dos cavaleiros amadores mais solicitados.

Prestou provas como cavaleiro praticante em 1977 na Praça de Almeirim.

Nas temporadas de 1978, 79 e 80, actuou quase exclusivamente em Espanha.

Após um êxito assinalável na importante **Corrida da Imprensa no Campo Pequeno**, em 1979 a sua carreira é catapultada para a primeira linha.

Em 1978 vem residir para o **Concelho de Monforte**, Distrito de Portalegre, onde lança as bases de toda a sua vida futura, tanto no campo familiar, como na área profissional.

Apresenta-se em 1981 na Monumental de Madrid, já como cavaleiro de alternativa. Seguem-se assinaláveis triunfos em Portugal, Espanha e França.

A Alternativa ocorreu na Monumental de Santarém, na tarde de 15 de Junho de 1980, na importante corrida anual da RTP. Foi o seu padrinho José João Zoio e Manuel Jorge de Oliveira testemunhou o acto, lidaram-se toiros da Ganadaria de Palha Blanco, e pegaram os forcados amadores de Santarém e de Montemor-o-novo.

Casa-se em Monforte a 20 de Novembro de 1982, Com Maria Guiomar Cortes de Moura, de quem tem dois filhos o João e a Maria.

De então para cá, Paulo Caetano subiu os degraus que o levaram ao primeiríssimo nível do toureio equestre, sendo um dos protagonistas de referência de uma geração de ouro do toureio a cavalo.

Ao longo de **3 décadas e meia, foram mais de mil as corridas** em que participou.

Conquistou inúmeros troféus, sendo por diversas vezes eleito, triunfador absoluto das temporadas portuguesas.

Um dos momentos mais altos da sua carreira foi quando **toureou 6 toiros da sua própria ganadaria, na praça mais importante do País, o Campo Pequeno**, em 27 de Junho de 1996. Este facto, por ter sido realizado na praça mais importante do País e pela responsabilidade conjunta que encerra, como toureiro e como ganadeiro, constitui um feito único na História da nossa tauromaquia.

Na época de 1997, saíria novamente **em ombros do Campo Pequeno**, desta vez ao lado de uma **figura universal do toureio**, que se apresentava em Portugal – **José Tomaz**, com quem alternou mano- a- mano na corrida mais importante dessa Temporada.

João Moura Caetano

Nasceu em Monforte no dia 10 de Setembro de 1983, João Benito Cortes Moura Padrão Caetano, filho do Maestro Paulo Caetano e Dita Moura Caetano.

Com sangue de aficionados a correr dentro de si, tinha de ser toureiro. O chamamento das raízes levou-o aos 3 anos a começar a montar a cavalo.

Aos 8 anos toureou pela primeira vez em público na praça de Monforte, foi a 3 de Junho de 2000 que as portas da nossa praça de toiros se abriram para dar lugar a um magnífico festival de homenagem a seu avô António Benito Moura.

Um festival de luxo onde atuou ao lado do seu pai e do seu primo João Moura, com toiros da Ganadaria de Paulo Caetano. Neste festival atuaram também José Maria Manzanares, Victor Mendes, José Luís Moreno e Uceda Leal e pegaram os forcados amadores de Monforte.

O Jovem Caetano teve uma atuação brilhante nesta sua prova de praticante, fechando a lide com um ferro com cite frontal e remate por dentro que levantou o público das bancadas. Apresentou-se ainda nessa temporada no Campo Pequeno e em Alcochete.

Atuou em França, na histórica arena romana de Nimes e por mais 15 vezes em arenas espanholas onde conquistou triunfos e saídas em ombros.

João Moura Caetano é um cavaleiro que ao longo dos anos foi interpretando o toureio de uma forma muito pessoal e com sentimento próprio. Durante a sua carreira tem consolidado a sua posição no toureio em Portugal. Durante anos tentou impor o seu estilo e a sua forma muito distinta de tourear, passou por diversas fases, uma mais felizes do que outras, mas a partir de 2010 há uma clara e evidente transformação na forma como se impõem na tauromaquia nacional.

Com uma quadra de cavalos de excelência torna-se um dos melhores cavaleiros da sua idade e da sua época, e assim tem sido nos últimos anos, especialmente nas últimas três temporadas em que é sucessivamente considerado pela crítica e pelo público como máximo triunfador em Portugal.

É um cavaleiro com um estilo muito próprio, embora com forte influência familiar, tendo como mestre o seu pai Paulo Caetano, João Moura Caetano consegue criar uma forma de toureio que o distingue de todos os outros. Uma forma de tourear baseada grandemente pela sua intuição e na emoção.

João Moura Caetano tornou-se numa das maiores referências da tauromaquia em Portugal. É um triunfador reconhecido por todos. Marca a sua geração e tem levado o nome de Monforte a praças importantes como Madrid e Sevilha.

João Moura Júnior

Miguel Moura

No dia 7 de Julho de 1996, nasceu em Lisboa. Desde muito pequeno que Miguel Moura revelou um grande gosto pela tauromaquia. Seguindo as pisadas do seu pai, o Mestre João Moura e o seu irmão João Moura Jr.

Começou desde muito pequeno a montar a cavalo e a querer tourear, mesmo quando era só um palmo de gente. Como tal, foi aperfeiçoando os seus dotes naturais. Miguel Moura fez a sua primeira atuação em 27 de Outubro de

2007 na praça de touros da sua terra Natal. Desde aí há algumas datas que ficarão para sempre marcadas na carreira de Miguel Moura.

Em Junho de 2008 apresentou-se em Lisboa juntamente com a sua família (pai João Moura, irmão João Moura jr. e primo João Augusto Moura), para comemorarem os 30 anos de alternativa, do seu pai, João Moura. Nesse mesmo ano, em 26 de Setembro, Miguel Moura entrou na corrida da família Moura, desta vez na arena de Elvas.

No ano de 2011, em homenagem ao grande amigo da família, Francico Romão Tenório, Miguel, juntamente com João Moura e João Moura Jr esgotaram por completo a bonita praça de Arronches. Esta corrida será lembrada por todos os Mouristas, pelos momentos rubricados pelos três intervenientes.

O ano de 2012 ficará marcado, por vários motivos, sendo um dos mais importantes, a prova de praticante, que efetuou em Santa Eulália no dia 8 de Julho.

Após essa importante data, Miguel Moura apresentou-se pela primeira vez de casaca, em França, na praça de Sant Marie de la Mer, onde ao lado do seu irmão, João Moura Jr. e Pablo Hermoso de Mendonza conseguiu sair lado a lado com eles em ombros. Nesta corrida mostrou toda a sua raça e arte de bem tourear cortando duas orelhas.

A apresentação em Portugal de casaca, foi feita a 22 de Julho, em Castelo Branco, ao lado do seu pai e de Nano Bravo. A apresentação de Miguel Moura em Espanha, foi efetuada no dia 18 de Agosto em Toledo, conseguindo logo cortar uma orelha, e caso tivesse tido um pouco mais de sorte na hora da colocação do rojão, tinha tido uma saída em ombros.

No dia seguinte em Monforte, repartiu juntamente com o seu pai e o cavaleiro Marcos Bastinhas, o cartel da reabertura da remodelada praça de Monforte, onde efetuou duas acuações de sonho e onde mostrou o seu toureio bastante maduro e recheado de momentos de alto nível.

Desde 2007 até ao ano de 2012, Miguel Moura tem toureado todos os anos na Ilha Graciosa, onde sente um enorme prazer em tourear, pela forma carinhosa que é recebido todos os anos, sendo um amuleto para o jovem toureiro.

Novilheiros

João Augusto Moura

Bezerrista

João Silva “El Juanito”

João Francisco marujo da Silva, filho de Ana Marujo e do bandarilheiro Hugo Silva. Desde muito novo que acompanhou o pai na sua profissão e aficção. A sua paixão pela arte da tauromaquia começou a evidenciar-se muito cedo.

Aos 4 anos de idade surgiu em João Silva a vontade de tourear e foi assim que na Quinta de Santo António, propriedade de João Moura toureou pela primeira vez.

Aos 9 anos João Silva toureia pela primeira vez no campo pequeno e nota-se aí a sua vontade em aprender mais e voar mais alto desejando ser um matador de touros.

Inicia assim a sua formação aos 10 anos na Escola José Falcão em Vila França de Xira tendo como maestro Vítor Mendes, participando em alguns festejos.

Passa para a Escola de Toureio do Campo Pequeno aos 11 anos onde permanece por mais dois, mas devido há sua tenra idade e a distancia da família João Silva já conhecido por El Juanito opta por ir para a Escola de toureio de Badajoz aos 13 anos com os maestros Luís Reina e Luís Cartujano. Um mês após ter iniciado os seus treinos em Badajoz faz o seu primeiro Passeillo de Luces em Alconchel (Zafra) onde corta duas orelhas e tem assim a sua primeira saída em ombros. Com essa evolução Juanito e seus pais decidem que jovem deve continuar o seu percurso académico e profissional em Espanha. Estudando como qualquer jovem da sua idade e realizando os seus treinos diários.

Nesse mesmo ano El Juanito faz 12 bezerradas onde sai novamente em ombros em todas elas.

De evidenciar o certame taurino televisionado pelo Canal Plus, onde corta mais duas orelhas e começa a despertar a atenção tanto em Espanha como no seu país.

A partir desse dia tudo mudou. O seu toureio foi-se enaltecendo cada vez mais, de forma humilde, marcante e empenhada sempre acompanhada pelos seus Maestros.

Na presente temporada El Juanito arranca forte na primeira corrida em Portugal dia 1 de Fevereiro em Mourão ao lado dos Maestros António Ferrera, David Mora e Nuno Casquinha. Juanito mostrou ao público o que realmente quer ser.

Voltando depois a atuar no dia 16 de Março em Arronches ao lado dos Maestros e professor Luis Cartojano, Miguelli Murillo, voltando assim a afirmar-se e a destacar-se a sua já forma particular de toureira.

El Juanito continua assim esta temporada a crescer de actuação para actuação, cativando os adicionados do seu país e além fronteiras do qual tanto se orgulha e que esperam dele um grande matador de touros.

As críticas a todas as suas atuações são bastante positivas o que lhe transmite mais força e determinação em concretizar os seus objetivos.

Espera -se uma temporada em Espanha com bastante importância para um toureiro português radicado em Badajoz de tao tenra idade mas que tem conquistado tudo e todos pelo seu empenho, dedicação , profissionalismo , humildade e muito empenho.

Bandarilheiros

José Franco “Grenho”

Nasceu a 6 de Junho de 1966, em Monforte, José Francisco Serrano Franco. Cedo ganhou a alcunha de seu pai “Grenho”, alcunha essa que o faz ser conhecido em todo o Mundo taurino.

Em criança começou logo a mostrar gosto pelo mundo dos touros, “fugia” da escola para poder ir ver touradas e ir ver os cavalos de João Moura. Com toda a envolvimento na casa Moura, começou então a ajudar, tratando dos cavalos entre outras coisas, muito jovem.

Aos 14 anos fez a sua primeira viagem ao México, acompanhando João Moura, ajudando como tratador de cavalos juntamente com senhor António Luís, peça importantíssima nesse tempo. Mais tarde detetaram a sua grande apetência para peão de brega onde deu os primeiros passos.

Esteve cerca de 20 anos como peão de brega do cavaleiro João Moura, onde somaram juntos vários triunfos, tardes de glória e uma carreira invejável.

A ligação ao João Moura terminou e Grenho esteve ao serviço do cavaleiro Monfortense João Moura Caetano

A ligação a João Moura terminou e Grenho esteve durante duas temporadas ao serviço do Rojoneador espanhol António Domecq e do matador de touros José Maria Manzanares.

Terminadas essas temporadas, Grenho esteve ao dispor durante uma época do cavaleiro monfortense João Moura Caetano.

Foi então o último ano que esteve mais presente em Portugal, porque o próximo “patrão” seria o rojoneador espanhol Pablo Hermoso de Mendoza, figura mundial do toureio. Estando com ele há quatro temporadas, divididas em México e Espanha e também com algumas corridas na Venezuela, Colômbia, Perú, Equador e Portugal tem alcançado tremendos êxitos.

Grenho cimentou assim a sua carreira ao lado da figura mundial do rojoneio, Pablo, o que faz dele o seu braço direito dentro das arenas de todo o mundo.

Hugo Silva

Hugo Miguel Pereira da Silva nasceu no dia 20 de Setembro de 1977, natural de Monforte, filho de Manuela da Conceição Pereira Sequeira da Silva e de António Francisco Mata da Silva.

Começou acompanhado de seu pai grande aficionado de corridas taurinas a estar presente nos eventos.

Criando assim também ele essa aficção e paixão pelos touros, decide aos 14 anos querer ser taurino de prata indo assim pelas mãos de Joaquim Praxedes também bandarilheiro e amigo levando Hugo Silva para Badajoz ás ordens do cavaleiro João Paulo, tirando a sua prova de praticante em Santo Aleixo no ano de 1995 indo nesse mesmo ano trabalhar como cavalista para a casa do Maestro João Moura, passado um ano (1996) tira a sua alternativa em

Alcácer do Sal onde atuaram os cavaleiros João Moura, José Luís cochicho e Victor Mendes, passando assim a bandarilheiro às ordens de João Moura onde permanece 10 anos.

Ao fim desse tempo sai e passa a atuar às ordens de João Moura Caetano onde permanece 2 anos. Volta assim à Casa Moura mas pelas mãos de João Moura Júnior onde toureou nos quatro cantos do mundo taurino. México, Colômbia, Equador, França, Espanha, Portugal e ilhas.

Sendo uma das experiências mais marcantes da sua carreira profissional as atuações da América do Sul e as saídas em ombros na Monumental de Madrid, Las Ventas as ordens de João Moura e João Moura Júnior.

Atualmente está as ordens do regeonador Roberto Almendriz e João Moura Júnior.

Segue de perto a carreira de seu filho, dando todo o apoio e carinho para que possa vir a ser uma importante figura do panorama taurino.

Ricardo Raimundo

Ricardo Jorge Aldeano Raimundo nasceu a 26 de Abril de 1984, desde a infância que sempre esteve ligado à festa brava. O seu pai era motorista do maestro João Moura levava-o para a quinta de Santo António, onde assistia aos treinos, com o seu amigo João Augusto Moura começando desde então a brincar às touradas.

Aos 10 anos já pegava num capote e dava os seus primeiros lances a bezerros.

O maestro João Moura e o seu bandarilheiro de confiança nessa altura, José Franco Grenho, aperceberam-se que havia ali apetência para ser bandarilheiro e começaram integra-lo nos treinos.

Começou então a acompanhar João Moura Júnior, como bandarilheiro praticante. Em Maio de 2002, então com 16 anos tira a prova de praticante em fronteira e integra a equipa de João Moura e João Moura Júnior, juntamente com Grenho e Hugo Silva.

Mais tarde, deixou a quinta de Santo António e entrou na Herdade das Esquilas passando a integrar a equipa de João Moura Caetano, tirando a

alternativa no dia 7 de Outubro de 2007, passando então a bandarilheiro profissional.

Três Anos depois aceita o convite de Sónia Matias e acompanha a cavaleira durante uma temporada, fazendo também algumas corridas com o cavaleiro Joaquim Bastinhas e seu filho Marcos bastinhas.

No final da temporada, sentindo a ligação e o carinho que lhe foi dado nas corridas que fizeram juntos, aceita o convite do maestro Joaquim Bastinhas e passa a integrar a sua equipa.

Desde então e ao longo de 7 anos que faz parte da casa Bastinhas. Fazendo uma média de 60 corridas por temporada.

Ao longo da carreira recebeu vários prémios.

Benito Moura

Moços de espadas

Carlos Barreto

Sérgio Batista

Nasceu a 20 de Abril do ano de 1975 na conhecida vila taurina de Monforte, onde ainda hoje vive. Desde muito cedo esteve ligado ao ambiente taurino que o rodeava, propicio de uma vila de grandes toureiros, bandarilheiros e forcados. Motivado por todo este ambiente, quis sempre estar perto das grandes figuras da festa brava, iniciando o seu percurso de moço de espadas no ano de 1994 com o cavaleiro José Carlos Pereira, tinha na altura apenas 19 anos.

Algum tempo depois integrou a equipa do cavaleiro João Paulo. Pouco a pouco e ao longo dos anos foi se tornando profissional criando e fazendo entender aos outros a importância que um moço de espadas tem na equipa de qualquer toureiro. Sendo para além de amigo, um apoio ao nível de logística e de organização numa temporada. A sua visão de um moço de espadas é uma visão de total profissionalismo e disponibilidade.

Segundo Sérgio o moço de espadas deve ser apenas a “sombra” da grande figura; o toureiro. É este que importa e toda a equipa deve trabalhar

para que a sua arte chegue ao público com destaque e ilusão. Tem participado ao longo do seu percurso profissional nas mais importantes Feiras Taurinas de Espanha, França e Portugal, acompanhando sempre as figuras máximas do toureio.

Hoje é um dos mais prestigiados e reconhecidos moços de espadas não só em Portugal como em Espanha, esteve integrado na equipa de algumas das mais importantes figuras do toureio, como Paulo Caetano, João Moura Caetano, Vítor Ribeiro, João Moura, João Moura Júnior e Sónia Matias, onde esteve integrado desde o ano 2008 até ao ano de 2010.

Em 2010 voltou para uma das casas mais importantes e com mais nobreza na arte de montar a cavalo e do toureio em Portugal ou seja para a Casa Caetano. Tem sido uma das pedras fundamentais da quadrilha do cavaleiro João Moura Caetano, que tão bem conhece visto tê-lo acompanhado no início da sua carreira. É uma casa que bem conhece e onde tem sido respeitado e valorizado. É o braço direito do cavaleiro e tem percorrido com ele a sua ascensão enquanto grande figura do toureio em Portugal e triunfador nas últimas temporadas. Sérgio Batista é sem dúvida um dos melhores, senão o melhor profissional da atualidade, na sua área.

Vasco Maldonado

Vasco Campos de Sousa Maldonado nasceu a 7 de Novembro de 1985, natural de Monforte, filho de Isolina Maria Campos de Sousa Maldonado e de Augusto Rodrigues de Sousa Maldonado.

Cresceu no seio de uma família de dez irmãos, da qual é o segundo mais novo.

Estudou em Monforte até ao 12ºano, onde frequentou o curso de Auxiliar de Ação Educativa, na EPRAL (Escola Profissional da Região do Alentejo), tendo terminado o seu percurso académico em 2003.

Durante toda a sua infância sempre foi muito ligado à família Caetano (afilhado de Batismo de Dita Moura Caetano e Paulo Caetano), onde cresceu rodeado de cavalos, touros e aprendeu toda a arte equestre.

Acompanhou de perto todos os passos de João Benito Moura Caetano, e no ano de 2002 começou a trabalhar como Moço de Espadas na sua equipa, onde presenciou de perto todo o percurso do cavaleiro.

Pisou praças importantíssimas, como o Sevilha (2004), Valencia (2005), Campo Pequeno (2006), Madrid (2006)

Já no ano de 2010, ingressou na equipa Bastinhas, onde desempenha funções de equitador e moço de espadas, e permanece ativamente. Já no seio desta equipa presenciou corridas de touros em arenas Sul americanas – Mérida/ Venezuela, e em França.

Importa destacar que em ambas as equipas, percorreu Portugal, testemunhando corridas importantes, televisionadas ou não, festivais taurinos, provas de alternativas, entre outros acontecimentos marcantes.

É visto pela população monfortense como um jovem trabalhador, humilde, respeitador, e sobretudo dinâmico e sociável.

Grupo de Forcados Amadores de Monforte

Capítulo V- O toiro e o cavalo

1. Ganadarias no concelho de Monforte

MARIA GUIOMAR CORTES MOURA

Antiguidade: 09-1963 (Portalegre)

Divisa: Vermelha, Negra e Roxa

Sigla Livro Genealógico: 8.AP.037-PRG

Esboço Historiográfico

Em 1962 os irmãos Moura (João e António Benito) adquirem aos irmãos Alves, do Redondo, um lote de vacas de origem Pedrosa, às quais juntam um semental de Rafael Calado, da mesma origem. Dois anos mais tarde, aumentam o efetivo com outro lote de Rafael Calado, acompanhado de um semental de origem Soler.

Posteriormente, em 1980, por partilhas entre ambos, o lote que cabe a António Moura passa a anunciar-se em nome de sua mulher Maria Guiomar, a qual mantém o ferro e divisa anterior, introduzindo sementais de João Moura, provenientes de Maribel Ibarra.

Em 2000 foi adquirido um lote de vacas de Los Espartales, de origem Murube e um semental de El Capea, com a mesma origem.

Encaste atual: Murube

JOÃO MOURA

Antiguidade: 16-05-1982 (Évora)

Divisa: Verde

Sigla Livro Genealógico: 8.AP.038-PBS

Esboço Historiográfico

Em 1980, João Moura compra vacas e sementais de Maria Isabel Ibarra, provenientes de Marquês de Domecq e Juan Pedro Domecq.

Posteriormente, em 1984, adquire o direito ao ferro e divisa de Maria Manuela Andrade Salgueiro, que modifica, mantendo apenas as reses anteriores de proveniência Ibarra-Domecq.

Encaste atual: Domecq

PAULO CAETANO**Antiguidade:** 11-09-1982 (Campo Maior)**Divisa:** Vermelha e Ouro**Sigla Livro Genealógico:** 8.AP.006-PRD**Esboço Historiográfico**

Fundada em 1980, através da compra de todo o efetivo de José da Silva Lico, proveniente de Oliveiras, Irmãos Pedrosa, posteriormente com sementais de Maria Guiomar Moura e Sommer d'Andrade, aumentado com vacas de Cabral Ascensão.

Desde 1986 é esta última linha que tem predominado, com introdução de sementais também da mesma origem Cabral Ascensão, efetivo aumentado a partir de 1995 com vacas e sementais procedentes de Jandilla e Santiago Domecq.

Encaste atual: Cabral Ascensão e Jandilla

TORRE D´ONOFRE

Antiguidade:

Divisa:

Sigla Livro Genealógico

Esboço Historiográfico

Capítulo VI- O edifício e os seus espaços

1. Centro Interpretativo Tauromáquico de Monforte- a história do edifício

O centro Interpretativo Tauromáquico surge num dos edifícios mais emblemáticos da vila de Monforte, no centro e junto ao Jardim António Sardinha, onde justamente está um busto do poeta da terra.

É defronte à estátua e com a vista para o jardim que se encontra o edifício onde será instalado o futuro Centro Interpretativo Tauromáquico. Contudo a casa foi pensada na sua fundação como Escola Primária da Vila de Monforte e foi justamente como espaço de ensino que funcionou até ..

A planta do edifício¹⁹ foi feita por José Duarte Sequeira, construtor de obras públicas. Foi aprovada a 26 de Abril de 1916 pelo Chefe de Repartição, António Mexia da Silva Berardo e posteriormente a 5 de Junho do mesmo ano foi observada pelo Senhor Inspetor Escolar, Augusto Gomes d`Oliveira.

O presente projeto era constituído por duas salas de aulas separadas e casa de habitação para os professores localizado no denominado por “largo das escolas”.

Este novo edifício foi construído entre 1917 e 1919 representando uma grande melhoria para o ensino primário de ambos os sexos na Vila de Monforte, desde à muito pedida e ambicionada pelos responsáveis autárquicos de Monforte que recebiam constantes queixas dos professores acerca das diminutas condições que tinham Monforte para exercerem o ensino primário aos alunos matriculados nas salas de aula então existentes em locais distintos e com muita degradação.

¹⁹ Planta

O desenho arquitetónico desta escola é muito semelhante ao modelo das Escolas Primárias “Adão Bermudes”.²⁰

2. A constituição do centro (espaços) e especificar as funções de cada espaço, como será constituído? Programa Museográfico/ Programa Museológico

O centro Interpretativo Tauromáquico de Monforte será constituído por quatro salas com acesso ao público, mais um espaço privado que irá pertencer ao Grupo de Forcados Amadores de Monforte, da qual constarão uma sala de reuniões e balneares. Este espaço será utilizado apenas pelos elementos do grupo e apesar de ter acesso direto ao edifício central, por dentro, tem também dois acessos exteriores pelo jardim.

O edifício é constituído por dois pisos: nos rés de chão estão dispostas duas salas que virão a ser o Museu e a sala de interpretação. Em cima no primeiro andar irá funcionar a sala de conferências /exposições e a Tertúlia do Grupo de Forcados de Monforte.

No museu estarão expostos elementos dos cavaleiros e dos bandarilheiros de Monforte. Casacas e trajes de luzes, assim como as respetivas biografias e outros acessórios que tenham interesse doar.

²⁰ Informação retirada das Jornadas Europeias do Património 2008; *Á descoberta de plantas do Séc. XX*; Silva, José Inácio Militão; IGESPAR.IP-CM; Camara Municipal de Monforte; 2008

